

# CADERNOS DO DIÁLOGO



VOLUME 8 - 2015

## FÓRUM FLORESTAL DE MATO GROSSO DO SUL DESAFIOS E OPORTUNIDADES





**DIÁLOGO FLORESTAL**

**FÓRUM FLORESTAL DE MATO GROSSO DO SUL**

**DESAFIOS E OPORTUNIDADES**

CADERNOS DO DIÁLOGO - VOLUME 8

**ORGANIZAÇÃO**

JULIA CORREA BOOCK

WWF-BRASIL

CAMPO GRANDE, MS

2015

# FICHA TÉCNICA

## Realização

Diálogo Florestal

## Coordenação

Miriam Prochnow

## Organização

Julia Correa Boock

## Jornalista responsável

Isabela Ferreira

## Editores

Isabela Ferreira  
Karoline Grubert  
Fábio A. Duarte

## Instituições organizadoras

Eldorado Brasil  
Fibria  
Reflore  
WWF-Brasil

## Colaboração e revisão

Benedito Mario  
Julio Cesar Sampaio  
Thaís Alves de Lima

## Fotos

As fotos publicadas foram cedidas sem custos pelos autores ou instituições mencionadas nas imagens. Agradecemos gentilmente a todos os fotógrafos e instituições que cederam fotos para compor esta publicação.

## Foto da Capa

Fibria-MS

## Projeto gráfico

Fábio Pili

## Diagramação

Ana Cristina Silveira/Anacê Design

## DADOS INTERNACIONAIS PARA CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

F745

Fórum Florestal do Mato Grosso do Sul : desafios e oportunidades / Julia Correa Boock (organizadora). – Campo Grande, MS : WWF Brasil, 2015.

48 p. : il. color. ; 21 cm. – (Cadernos do Diálogo ; v. 8)

Acima do título: Diálogo florestal.

ISBN 978-85-5574-010-7

1. Política florestal – Mato Grosso do Sul. 2. Florestas – Mato Grosso do Sul. 3. Fórum Florestal do Mato Grosso do Sul. I. Boock, Julia Correa II. WWF-Brasil III. Série.

CDD – 634.9098171

# SUMÁRIO

## 5 APRESENTAÇÃO

## 8 INTRODUÇÃO

### PARTE 1 • DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

12 **CAPÍTULO 1** • APOIO E INCENTIVOS DO GOVERNO BUSCAM FORTALECER SILVICULTURA

14 **CAPÍTULO 2** • UM OLHAR SOBRE O PLANO ESTADUAL DE FLORESTAS

### PARTE 2 • FONTES DE ENERGIA

16 **CAPÍTULO 3** • PREVISÃO DE CONSTRUÇÃO DE TERMOELÉTRICAS PODE ALAVANCAR A PRODUÇÃO DE BIOMASSA FLORESTAL

18 **CAPÍTULO 4** • CARVÃO: CENÁRIO ATUAL E PERSPECTIVAS FUTURAS

20 **CAPÍTULO 5** • COMPLEXO DA BORRACHA POTENCIALIZA SEGMENTO

22 **CAPÍTULO 6** • A SILVICULTURA NA ECONOMIA SUL-MATO-GROSSENSE E AS PROJEÇÕES DE CRESCIMENTO

### PARTE 3 • PLANEJAMENTO TERRITORIAL

26 **CAPÍTULO 7** • ZEE/MS BUSCA AÇÕES QUE PROMOVAM DESENVOLVIMENTO ORDENADO E SUSTENTÁVEL

28 **CAPÍTULO 8** • LOGÍSTICA E INFRAESTRUTURA: OS GRANDES GARGALOS DO SETOR

30 **CAPÍTULO 9** • EXPANSÃO FLORESTAL EM ÁREAS DEGRADADAS

32 **CAPÍTULO 10** • A UNIÃO DE LAVOURA, PECUÁRIA E FLORESTA

36 **CAPÍTULO 11** • RETRATOS URBANOS: HISTÓRIAS DE EMPREENDEDORES QUE CRESCERAM COM O SETOR

### PARTE 4 • CONSERVAÇÃO AMBIENTAL

40 **CAPÍTULO 12** • LICENÇA AMBIENTAL E CAR BUSCAM DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E AMBIENTAL

42 **CAPÍTULO 13** • PLANOS DE CONSERVAÇÃO E CERTIFICAÇÃO FSC® PROMOVEM PRÁTICAS SOCIOAMBIENTAIS RESPONSÁVEIS NAS INDÚSTRIAS DE PAPEL E CELULOSE DE MS

44 **CAPÍTULO 14** • DIÁLOGO FLORESTAL E SUA IMPORTÂNCIA NA IMPLANTAÇÃO DE ATIVIDADES SUSTENTÁVEIS

46 **CAPÍTULO 15** • O PAPEL DO FÓRUM MS

ANIMAIS REGISTRADOS  
EM ÁREAS DA FIBRIA.

Casa da Floresta



Adriano Gambarini/WWF-Brasil



## APRESENTAÇÃO

As florestas plantadas têm um importante papel na sustentabilidade socioeconômica brasileira e mundial. Delas podemos obter os recursos naturais necessários para suprir a demanda por alimento, energia e outros produtos essenciais à sobrevivência humana. Outro papel fundamental das florestas, por exemplo, é a sua função ambiental de regulação e equilíbrio por meio da proteção de mananciais e da biodiversidade e do sequestro de carbono.

O Brasil, com sua grande biodiversidade e um vasto território, tem o destino de continuar atuando como fornecedor de recursos naturais para as próximas gerações. E, essa vocação de um país continental só será alcançada se tais recursos naturais forem obtidos com sustentabilidade socioambiental. Nesse sentido a produção florestal possui um papel chave.

Falando-se em florestas, grande parte da população, de imediato, pensa nas áreas nativas ou naturais, as quais o Brasil é reconhecido como grande detentor. Porém não são apenas florestas nativas as fontes de recursos florestais, temos também as chamadas florestas plantadas.

O inevitável aumento da demanda por recursos, associado ao aumento da população mundial para os próximos anos revela um grande desafio para a continuidade e expansão da produção, especialmente no Brasil. Dentre os maiores desafios associados a esse cenário, pode-se ressaltar a necessidade da intensificação da produção em áreas já consolidadas, ou seja, expandir a produção garantindo a preservação

de ecossistemas naturais sem a necessidade de novas conversões. Orientar esse processo deve ser um ponto de atenção para diversos atores, principalmente para liderança dos setores produtivos e gestores públicos.

Essa tendência de expansão do setor florestal é visível no Brasil, principalmente, no Cerrado brasileiro. Olhando para esse movimento de crescimento do setor, surgiu em 2005, o Diálogo Florestal, uma iniciativa nacional que busca identificar agendas comuns entre empresas florestais e as iniciativas de conservação ambiental para a promoção de ações efetivas que aliem o equilíbrio ambiental e a geração de benefícios tangíveis, tanto para os participantes deste diálogo quanto para a sociedade em geral.

Desde então vem se consolidando e se fortalecendo localmente com a criação de fóruns regionais de discussão, conhecidos como Fóruns Regionais do Diálogo Florestal. Em Mato Grosso do Sul, o Diálogo Florestal surgiu em 2011 motivado pelas preocupações ambientais originadas do rápido crescimento do setor florestal no estado e conversas entre representantes de entidades ambientalistas, empresas privadas e o próprio Diálogo Florestal Nacional.

Nesta publicação apresentamos todo o histórico do setor florestal no estado de Mato Grosso do Sul, os desafios e as oportunidades, as ações que promovem o desenvolvimento sustentável e as histórias de empreendedores que cresceram com o setor.

Boa leitura!

**Julio Cesar Sampaio**

Coordenador do Programa Cerrado Pantanal  
do WWF-Brasil





## INTRODUÇÃO

# RELEMBRANDO O PASSADO E PROJETANDO O FUTURO: UM RESGATE HISTÓRICO DA SILVICULTURA EM MS

A história da cadeia de base florestal é relativamente nova em Mato Grosso do Sul. As primeiras informações acerca do setor são das décadas de 70 e 80. Como conta Benedito Mário Lázaro, diretor executivo da Associação Sul-Mato-Grossense de Produtores e Consumidores de Florestas Plantadas (Reflore/MS), para internalizar o desenvolvimento do Brasil e até como estratégia de defesa do território, nas décadas de 70 e 80, o Governo Federal incentivou a plantação de florestas: “Eles fizeram um incentivo pelo qual você poderia usar o imposto de renda para ser investido em florestas plantadas. Na época vieram muitas empresas para fazer esse plantio no estado”.

Uma das empresas que apostou no estado nesse período foi a Ramires Reflorestamentos, de origem de família paulista e que nasceu em 1973 no município de Três Lagoas-MS, como descreve Luiz Calvo Ramires Junior, diretor da Ramires Reflortec: “Naquele momento a empresa começou a trabalhar muito com incentivos fiscais, acredito que a história da Ramires se confunde com a história do setor florestal, porque ela é uma das pioneiras e remanescentes nesse passado, ela foi realmente se moldando ao que o setor foi se colocando no contexto do estado. Nesse período dos incentivos fiscais, também vieram ou tinham no estado mais de 36 reflorestadoras, todas estas também buscavam trabalhar através dos incentivos que o Governo dava”.

Na primeira fase, desse processo de incentivos, o plano era ter o maciço florestal. Com os incentivos e adesão de empresas e produtores, estima-se que nessa época o estado chegou a ter 500 mil hectares de florestas plantadas. A segunda fase desse programa do Governo Federal previa a instalação de uma fábrica de celulose na cidade de Ribas do Rio Pardo-MS, uma em Água Clara-MS e uma em Três Lagoas-MS. Fábricas estas que consumiriam as florestas plantadas e dariam continuidade ao ciclo produtivo sustentável. Contudo, como na década de 80 o Brasil teve sérios problemas econômicos com a moratória, os planos do Governo de

desenvolvimento acabaram parando nas florestas e as indústrias previstas não foram instaladas na região.

“Como a segunda fase do processo não aconteceu, que seria as implantações das fábricas, não houve consumo para a madeira. E aí muitos dos produtores e das reflorestadoras abandonaram os plantios e nós assistimos um grande desastre, que foi o consumo dessas florestas por fogo e formiga”, revela Benedito.

Com a falta de consumo para a madeira, muitos produtores acabaram desaparecendo do mercado. Para a Ramires Reflorestamentos, por exemplo, que na época chegou a plantar cerca de 50 mil hectares, a saída foi buscar outras alternativas para a venda da madeira.

## ANOS 2000: O RECOMEÇO

O diretor executivo da Reflore/MS, Benedito, conta que por volta de 2003 o Governo do estado encomendou um estudo junto a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), sobre 10 cadeias produtivas do estado, entre elas a cadeia da soja, milho, carne e também da silvicultura. Na época Benedito era superintendente na Secretaria de Estado de Desenvolvimento Agrário, da Produção, da Indústria, do Comércio e do Turismo (Seprotrur).

“Nesse estudo identificamos que ainda existiam florestas plantadas e que poderíamos incentivar novamente a silvicultura, até porque existiam algumas serrarias, ainda tinha o pólo em Ribas do Rio Pardo e Água Clara, que era forte, porque eles estavam cortando aquele pinus que tinha sido plantado na década de 70”, relembra Benedito.

Também nesse estudo chegou-se a conclusão de que a melhor maneira de fazer a gestão das cadeias produtivas seria criando Câmaras Setoriais, na qual se teria instituições públicas, privadas, e as do terceiro setor, debatendo todos os problemas, os gargalos.

Esses gargalos seriam solucionados a medida que fosse possível pelo Governo do estado. “A criação das câmaras também ia ao encontro com a política que estava sendo adotada no nível federal, pois o Ministério da Agricultura estava adotando essa mesma política de Câmaras Setoriais”, completa o diretor.

Foram criadas 12 Câmaras Setoriais na Seprotur. Por todo o histórico de vida e profissional que trazia com o setor florestal, Luiz Calvo Ramires Junior foi convidado para presidir a Câmara da silvicultura. A primeira ação que Junior Ramires, como é conhecido no meio, sugeriu foi o levantamento de estoque do maciço florestal.

“O levantamento revelou que nos tínhamos na época 90 mil hectares, sendo que 60 mil pertenciam a Chamflora, que era uma subsidiária da Champion Papel e Celulose, que hoje é a International Paper. E 30 mil eram de outros pequenos produtores que estavam no estado. Diante

disso, fizemos um programa para que pudéssemos ter 30 mil hectares plantados por ano, para termos em torno de 200 mil hectares para podermos atrair alguma empresa do setor de base florestal”, afirma Benedito.

Já em 2004, a segunda ação planejada seria a elaboração do Plano Estadual Florestal, a ideia era criar um estudo, um documento, que fosse capaz de apresentar as potencialidades do estado para o desenvolvimento da silvicultura. “Começamos a perceber que o estado tinha uma potencialidade enorme de crescimento na indústria de base florestal, mas não estávamos sabendo mostrar isso”, realça Junior Ramires. A Câmara Setorial fez o termo de referência e começou-se a busca por empresas que poderiam produzir o plano. Contudo, nesse ínterim, a gestão da Seprotur passou por mudanças e o plano acabou voltando à estaca zero. E assim o Plano Estadual Florestal acabou sendo deixado para outro momento.



Acervo Eldorado Brasil

## 2005: CRIAÇÃO DA REFLORE/MS

O ano de 2005 foi importante para a cadeia de base florestal de Mato Grosso do Sul. Já não mais trabalhando na Seprotur, Benedito recebeu o convite de Junior Ramires para a criação de uma associação que pudesse representar o setor. “Junior me chamou e disse: ‘começamos a planejar a volta do maciço, achamos que era possível ter esse maciço pelo menos pra podermos alimentar as serrarias, pra podermos atrair alguma empresa de base florestal, então está na hora de fazermos aquela associação que tínhamos pensado’. Lembro que essa conversa foi em 14 de outubro. Aceitei e aí começamos a trabalhar com o objetivo de criar a Reflore. Quando foi no dia 06 de dezembro de 2005 fizemos uma reunião com seis empresas e montamos a Reflore/MS”, rememora.

Uma das primeiras metas da Associação foi a produção do Plano Estadual Florestal. Os trabalhos recomeçaram e o plano foi financiado pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae). Diante disso, uma empresa foi contratada e durante meses de trabalho elaborou o plano, que foi lançado em 2008.

## CHEGADA DAS FÁBRICAS DE PAPEL E CELULOSE EM TRÊS LAGOAS-MS

Antes mesmo de o Plano Estadual de Florestas ficar pronto, a International Paper (que nos anos 2000 havia comprado a Champion Papel e Celulose, que há muitos anos tinha investido em terras no estado) anunciou que iria construir uma unidade industrial em Três Lagoas-MS. Na época o projeto foi batizado de ‘Horizonte’.

**UMA DAS PRIMEIRAS METAS DA ASSOCIAÇÃO FOI A PRODUÇÃO DO PLANO ESTADUAL FLORESTAL. OS TRABALHOS RECOMEÇARAM E O PLANO FOI FINANCIADO PELO SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS (SEBRAE).**



Fábio A. Duarte

**BENEDITO MÁRIO LÁZARO, DIRETOR EXECUTIVO DA REFLORE/MS.**

Em 2006, a Votorantim Celulose e Papel (VCP) trocou ativos com a International Paper e assumiu o projeto Horizonte. Em 2009 esta fábrica entrou em operação. No mesmo ano a VCP incorporou a Aracruz e então a empresa passou a se chamar Fibria. Conforme dados da assessoria da Fibria, a unidade de Três Lagoas-MS tem capacidade para produzir 1,3 milhão de toneladas de celulose por ano. Em 2014, esta unidade produziu 1,276 milhão de toneladas de celulose, somando 7 milhões de toneladas produzidas em Três Lagoas em seis anos. A unidade emprega cerca de 3 mil profissionais, entre próprios e terceiros, com maior adesão na área florestal.

A segunda fábrica de papel e celulose a chegar em Mato Grosso do Sul foi a Eldorado Brasil, que se instalou em Três Lagoas-MS e iniciou as operações em 2012. Segundo informações fornecidas pela assessoria da Eldorado Brasil, a fábrica foi projetada para produzir 1,5 milhão de toneladas por ano, contudo, após melhorias técnicas e mecânicas, a mesma linha de produção tem capacidade para produzir até 1,7 milhão de toneladas por ano. A Eldorado Brasil emprega 4,5 mil colaboradores diretos.

E as empresas não pararam por aí; no início de 2015, a Fibria e a Eldorado Brasil, anunciaram as duplicações de suas linhas de produção. Nas duas obras a previsão é de investimentos de bilhões de reais e de geração de milhares de empregos.



**JUNIOR RAMIRES, DIRETOR DA RAMIRES REFLORTEC E PRESIDENTE DA CÂMARA SETORIAL DE FLORESTAS PLANTADAS DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO (MAPA)**

## CENÁRIO ATUAL

Hoje a silvicultura cresce a passos largos em Mato Grosso do Sul e o estado tem começado a se destacar no cenário nacional. Em pouco mais de 10 anos, desde que o setor começou a ser reerguido, a área cultivada com florestas plantadas saltou de 90 mil para 870 mil hectares e, até o final de 2015, a expectativa é chegar a 900 mil hectares plantados. O Estado já é o terceiro maior plantador em volume de área de eucalipto no país. No ano de 2014 a silvicultura respondeu por mais de um bilhão nas exportações locais, quase 30% da receita total da exportação de produtos industriais, conforme o levantamento do Radar Industrial da Federação das Indústrias do Estado de Mato Grosso do Sul (Fiems).

Junto ao crescimento das áreas plantadas vieram as fábricas de papel e celulose, além de serrarias, empresas de MDF e outras, distribuídas por cidades do estado. Para manter a silvicultura promissora, o diretor da Reflore/MS ressalta que é preciso ampliar as cadeias produtivas de base florestal, atrair, por exemplo, empresas de chapas e painéis de madeira, MDF, biomassa, movelaria, produção de carvão e outras, para dar vazão a oferta de matéria-prima que existe.

“Temos que buscar estender essas cadeias, para tanto, precisamos melhorar a infraestrutura dos municípios

para poder ter um aporte maior de outras empresas. O Brasil produz cerca de 14 milhões de toneladas de celulose; com a duplicação das indústrias existentes em Três Lagoas-MS, em breve produziremos 7 milhões, quer dizer, vamos produzir de 30 a 40% da celulose do Brasil. Então, para nós, é muito importante que a região leste do estado tenha municípios preparados e estruturados para receber empresas podendo aportar mais gente, dignamente, para que o desenvolvimento social aconteça. Bem como recuperarmos os solos degradados e termos os aspectos ambientais e econômicos melhorados nos municípios e no estado. Haverá muito mais oportunidades”, pontua, otimista, Benedito.

Junior Ramires, que hoje também ocupa o cargo de presidente da Câmara Setorial de Florestas Plantadas do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), referindo-se ao problema que o estado passou na década de 80, quando não houve demanda para as florestas plantadas, reforça que agora é preciso buscar novos consumos para que os erros do passado não voltem ao presente.

“Recentemente tivemos o anúncio das duplicações das fábricas e isso vai fazer com que a demanda continue aquecida para os próximos ciclos e anos. E provável que a gente tenha demanda, mas não podemos parar aí, precisamos de novos consumidores porque o estado tem uma vocação florestal, tem espaço que pode ser ocupado. E as indústrias também precisam continuar recebendo incentivos para vir”, finaliza Junior Ramires.

**EM POUCO MAIS DE 10 ANOS, DESDE QUE O SETOR COMEÇOU A SER REERGUIDO, A ÁREA CULTIVADA COM FLORESTAS PLANTADAS SALTOU DE 90 MIL PARA 870 MIL HECTARES E, ATÉ O FINAL DE 2015, A EXPECTATIVA É CHEGAR A 900 MIL HECTARES PLANTADOS.**

## CAPÍTULO I

# APOIO E INCENTIVOS DO GOVERNO BUSCAM FORTALECER SILVICULTURA

Entre 2003 e 2015, a área cultivada com florestas plantadas saltou de 90 mil para 800 mil hectares em Mato Grosso do Sul, um crescimento de mais de 700%. A silvicultura tem crescido a passos largos no estado. De acordo com dados do 'Relatório Ibá 2015', produzido pela Indústria Brasileira de Árvores (Ibá), no Brasil os plantios de eucalipto ocupam 5,56 milhões de hectares da área de árvores plantadas, o que simboliza 71,9% do total. Precedido por Minas Gerais (25,2%) e São Paulo (17,6%), Mato Grosso do Sul (14,5%) destaca-se como a terceira maior área de eucaliptos plantados. Com o crescimento do segmento florestal, novas demandas surgiram, principalmente com relação ao excedente da produção florestal e a infraestrutura do estado.

No início de 2015, em seus primeiros meses de mandato, o governador de Mato Grosso do Sul, Reinaldo Azambuja, anunciou apoio, incentivos ao setor florestal e as diretrizes que conduzirão as ações do Governo para com este segmento. Segundo Azambuja, uma das metas é aumentar a competitividade do setor florestal com adensamento da cadeia produtiva.

### EXCEDENTE FLORESTAL

Para consumir o excedente da produção florestal do estado a pauta prioritária do Governo é atrair ampliações de indústrias e novos empreendimentos. Uma das primeiras metas foi incentivar a ampliação das fábricas de celulose atualmente existentes, Fibria e Eldorado Brasil (localizadas em Três Lagoas-MS), o que já foi concretizado, pois as duas unidades industriais anunciaram em maio de 2015 as ampliações das fábricas.

Outras prioridades que buscam promover a utilização dessa matéria prima são: instalação de novas indústrias de celulose; atração de empresas na área de papel, embalagens e produtos de higiene; atração de empresas do ramo de MDF e conseqüentemente a cadeia produtiva do setor de móveis; atração de empresa de geração de energia de biomassa e ampliação da produção de carvão no estado.

### CARVÃO

Em busca da revitalização da indústria de carvão em Mato Grosso do Sul, que há anos vinha passando por uma grave crise (que levou ao fechamento de unidades de produção, de postos de trabalho e diminuição do preço do produto), o governador Reinaldo Azambuja assinou um decreto que isentou a Taxa de Movimentação de produtos relacionados ao comércio de carvão vegetal no estado, em julho de 2015. Este decreto almeja resgatar e garantir a competitividade deste ramo de negócios.

### FCO E FDCO

Um dos objetivos prioritários para a gestão pública no Mato Grosso do Sul é garantir que o investimento chegue até a mão do produtor rural.

Para tanto, avaliar as áreas produtivas do estado e garantir que o índice de retorno sob investimento seja significativo é uma das maneiras de assegurar que linhas de crédito como o FCO (Fundo Constitucional de Financiamento do Centro-Oeste) e o FDCO (Fundo de Desenvolvimento do Centro-Oeste) estejam em crescente demanda, com políticas burocráticas mais acessíveis, documentação facilitada e aumento significativo da linha de crédito especialmente para o segmento florestal, que encontra-se em maré contrária à crise.

### LICENCIAMENTO AMBIENTAL

Para agilizar os processos de licenciamento ambiental e aumentar a competitividade do setor produtivo do estado, promovendo a preservação e conservação ambiental, o Instituto de Meio Ambiente de Mato Grosso do Sul (Imasul) lançou o Manual de Licenciamento Ambiental, em maio de 2015. O lançamento do Manual estava entre as diretrizes do Governo direcionadas para o fortalecimento e desenvolvimento da silvicultura.



**REINALDO AZAMBUJA, GOVERNADOR DE MATO GROSSO DO SUL.**

## INCENTIVOS FISCAIS

Com o objetivo de reduzir as desigualdades regionais, serão ampliados os benefícios fiscais para as indústrias localizadas em pequenos municípios. “Como a produção florestal encontra-se em praticamente todo estado, o setor será amplamente favorecido com essa medida”, ressalta o governador Reinaldo Azambuja.

## LOGÍSTICA E INFRAESTRUTURA

Os grandes desafios enfrentados pela indústria de base florestal em Mato Grosso do Sul são a logística e a infraestrutura, fatores que desaceleram o crescimento deste segmento. Conforme o governador, uma das metas é fazer a manutenção e recuperação periódica das estradas rurais onde se concentra a atividade florestal. Foram realizados levantamentos junto as principais indústrias de celulose, quanto ao uso das estradas vicinais. O Governo irá propor um projeto de substituição de pontes de madeira por pontes de concreto e também realizar parcerias com as prefeituras municipais para manutenção da recuperação dessas estradas.

A rede ferroviária também deverá ser contemplada. “O Governo do Estado tem acompanhado e pressionado o Governo Federal na agilização da concessão da nova ferrovia ligando Estrela D’Oeste-SP até Dourados-MS.



**LOGÍSTICA E INFRAESTRUTURA SÃO OS GRANDES DESAFIOS ENFRENTADOS PELA INDÚSTRIA DE BASE FLORESTAL EM MS.**

Esta ferrovia atenderá beneficiando diretamente o setor florestal do estado”, complementa.

Com relação a busca de alternativas hidroviárias para escoamento da produção, o Governo do Estado está trabalhando para colocar em operação o Porto de Bataguassu-MS e ampliar o escoamento para hidrovias Tietê-Paraná.

## INCÊNDIOS FLORESTAIS

Para apoio ao combate de incêndios de florestas o Governo pretende instalar uma base dos Bombeiros no município de Água Clara-MS.

## PLANO ESTADUAL DE FLORESTAS

Juntamente com a Associação Sul-Mato-Grossense de Produtores e Consumidores de Florestas Plantadas (Reflore-MS) e entidades representativas deste setor, o Governo pretende fazer a revisão do Plano Estadual Para o Desenvolvimento Sustentável de Florestas Plantadas – PEF/MS.

“O setor florestal cumpre um papel essencial no processo de desenvolvimento do estado e ao apoiá-lo, fomenta-se novas perspectivas para as regiões contempladas com o setor”, finaliza o governador Reinaldo Azambuja.

## CAPÍTULO 2

# UM OLHAR SOBRE O PLANO ESTADUAL DE FLORESTAS

Para mostrar as potencialidades que Mato Grosso do Sul oferece para o desenvolvimento da silvicultura, em 2008 foi lançado o Plano Estadual para o Desenvolvimento Sustentável de Florestas Plantadas –PEF/MS. O plano almeja mostrar aos interessados em investir no setor de base florestal e industrial, as características sociais, ambientais e econômicas do estado e assim dar subsídios para a tomada de decisão de investidores.

Nas décadas de 70 e 80, um incentivo do Governo Federal motivou diversos produtores a plantarem árvores no estado. A segunda fase do plano governamental previa a instalação de indústrias em algumas cidades de Mato Grosso do Sul, que consumiriam a madeira oriunda dessas plantações. Porém, a crise econômica que o Brasil passou com a moratória na década de 80, acabou prejudicando os planos do Governo e as fábricas não foram instaladas. Sem demanda para a matéria-prima, muitos produtores acabaram desistindo do negócio. Desta forma, a setor florestal acabou perdendo sua credibilidade por alguns anos no estado.

Diante das vantagens que a região apresentava para a cadeia de base florestal, no início dos anos 2000, atores e entidades importantes ligados a produção, economia e agricultura do estado, começaram a buscar alternativas para reerguer o segmento e, uma delas, foi a criação do Plano Estadual de Florestas. Luiz Calvo Ramires Junior, que na época já atuava como presidente da Câmara Setorial de Florestas, lembra que começou-se a perceber que Mato Grosso do Sul tinha ‘solo fértil’ para o crescimento da indústria de base florestal, contudo, o estado não estava conseguindo mostrar que tinha esse ambiente favorável para interessados e investidores.

“Entendemos que se quiséssemos fazer alguma coisa tínhamos que colocar em um único documento todas as nossas potencialidades, todos os nossos recursos naturais. Então começamos a trabalhar em cima da produção do Plano Estadual de Florestas”, conta Benedito Mário Lázaro, diretor executivo da Associação Sul-Mato-Grossense de Produtores e Consumidores de Florestas Plantadas (Reflore/MS).

A iniciativa para criação do Plano surgiu da Câmara Setorial de Florestas, da Reflore/MS, do Serviço Brasileiro de Apoio as Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Agrário, da Produção, da Indústria, do Comércio e do Turismo (Seprotur) e do Governo do Estado de Mato Grosso do Sul. Com investimento do Sebrae, a empresa STCP Engenharia de Projetos foi contratada para realizar o estudo, que durou vários meses.

## NO PAPEL: AS CARACTERÍSTICAS E DIFERENCIAIS DE MS

No plano tem-se acesso a informações com foco no setor florestal relacionadas a localização, aspectos naturais e humanos, infraestrutura, legislação e instituições, políticas e programas do Governo, crédito e financiamentos, mercado de produtos florestais (com relação a Produtos Florestais Madeireiros - PFM e Produtos Florestais Não Madeireiros - PFMN), entre outros temas.

O estudo aponta que no período de seu lançamento o estado tinha como pontos fortes: topografia, solos e clima adequado a diversas espécies florestais (Eucalyptus, Pinus, Seringueira, Erva Mate, outras); indústria baseada em florestas plantadas; estrutura fundiária, grandes propriedades; Governo Estadual investindo em infraestrutura; energia elétrica e gás disponíveis no eixo Campo Grande - Três Lagoas; localização estratégica, no centro da América do Sul e próximo a São Paulo, entre outros. Em contrapartida revelou como pontos fracos: preços de terras inflacionados; mão de obra local com pouca qualificação para florestas e indústrias; concorrência crescente com a cana-de-açúcar e infraestrutura de modo geral, entre outros.

O documento também revela que nesse período o estado apresentava uma área de cerca de 14 milhões de hectares com aptidão para as florestas plantadas, totalmente regularizadas, com boa topografia para o cultivo, fora das questões indígenas e com índices de aproveitamento da propriedade em mais de 70%.



O PEF/MS TEM COMO OBJETIVO MOSTRAR AS POTENCIALIDADES QUE MATO GROSSO DO SUL OFERECE PARA O DESENVOLVIMENTO DA SILVICULTURA.

Luiz Calvo relembra que o plano acabou tendo como foco as pequenas e médias empresas: “Pensamos na época: ‘a celulose vai acontecer, a indústria vai acontecer e sobre isso nós não precisamos nos preocupar, temos que nos preocupar com o pequeno e médio, que vai se inserir no processo. Temos que atrair público, profissionais para o negócio florestal e assim foi focado o plano’. Entendemos que as grandes empresas possuíam estruturas para produzirem seus planos e que precisávamos fazer essa ferramenta para as serrarias de Ribas do Rio Pardo-MS, por exemplo, pro pequeno e médio produtor que quer diversificar sua propriedade [que está com problema ambiental no solo e não está produzindo o que deveria e quer uma diversificação da economia]. O plano foi sendo moldado em cima disso e acabou atraindo a atenção de muita gente para o setor”.

## FORA DO PAPEL: PREVISÕES E AVANÇOS

Entre as previsões do plano, algumas já foram concretizadas e outras estão próximas de serem realizadas, em um período curto de tempo. O documento previa, por exemplo, que Mato Grosso do Sul receberia três indústrias de celulose. Hoje o estado conta com duas fábricas instaladas, a Fibria e a Eldorado Brasil em Três Lagoas-MS, e já há a confirmação de que as duas irão duplicar suas unidades, totalizando quatro linhas de produção.

“O plano previa também que em 2030 nos teríamos um milhão de hectares de florestas plantadas. Hoje já temos 850 mil hectares, podendo chegar ao fim de 2015 com 900 mil e devendo alcançar a marca de um milhão de hectares já nos próximos anos. Para se ter uma ideia, no período em que o estudo foi feito consumíamos cerca de 3 milhões e meio de metros cúbicos com a siderurgia, a lenha, a energia e, a projeção para 2030 era de 35 milhões de metros cúbicos. Hoje, sem a duplicação das fábricas, o consumo já é de 11 milhões e com a duplicação será de 25 milhões ou mais. Nisso, nós temos mais a siderurgia que daqui alguns anos pode estar mais forte, o MDF que está começando a entrar no mercado, a produção de energia por meio da biomassa, a empresa moveleira que buscamos, tudo isso pode dar um grande aporte”, diz Benedito.

Para o diretor executivo da Reflore/MS, o plano foi um marco, um ‘divisor de águas’, pois ele mostrou ao Brasil, ao mundo, o que Mato Grosso do Sul tinha de recursos naturais, de vantagens comparativas e competitivas. Além disso, revelou que o estado queria o desenvolvimento florestal e, para tanto, estava trabalhando e fazendo a sua parte. Do lançamento do plano (2008) para 2015 muitas mudanças aconteceram no setor florestal, como por exemplo, o investimento em plantação de seringueiras que recentemente tem impactado algumas cidades do estado. Por este e outros motivos, a expectativa é que em breve o Plano Estadual de Florestas seja atualizado.

## CAPÍTULO 3

# PREVISÃO DE CONSTRUÇÃO DE TERMOELÉTRICAS PODE ALAVANCAR A PRODUÇÃO DE BIOMASSA FLORESTAL

Instalação de Instituto Senai de Inovação em Biomassa, em Três Lagoas-MS, também deve beneficiar este mercado

Diversificar a Matriz Energética do Brasil tem sido uma discussão recorrente, ainda mais em tempos de crise hidráulica. De acordo com o Balanço Energético Nacional (BEN 2014/ Relatório Síntese) a biomassa representa 7,6% da matriz energética brasileira, o que demonstra que a potencialidade da biomassa para geração de energia precisa ser melhor explorada. Com o excedente de milhares de hectares de florestas de eucalipto que Mato Grosso do Sul possui, o estado demonstra ter 'solo fértil' para a produção de biomassa a partir da madeira. Conforme prevê a Associação Sul-Mato-Grossense de Produtores e Consumidores de

Florestas (Reflore/MS), quatro Usinas Termoelétricas devem ser construídas na região.

“O cenário para produção de energia proveniente da biomassa florestal no Mato Grosso do Sul é promissor, temos várias Usinas Termoelétricas para serem instaladas nos próximos anos, movidas a cavaco de madeira de florestas plantadas. Cada usina consumirá em torno de 50 mil hectares de florestas, com a previsão de quatro usinas nos próximos anos, teremos no mínimo 200 mil hectares de florestas para abastecer esse segmento”, complementa Moacir Reis, presidente da Reflore/MS.



Equipe ISI Biomassa

Por enquanto o que se tem no estado é a produção de energia como um subproduto da fabricação de celulose nas fábricas. Conforme o presidente da Associação, a expectativa é que duas unidades sejam instaladas no município de Ribas do Rio Pardo-MS, uma em Costa Rica-MS e outra em Água Clara-MS.

Para Luiz Calvo Ramires Junior, diretor da Ramires Reflortec, empresa que vem estudando e debatendo alguns projetos ligados ao mercado energético, a produção de energia de biomassa da madeira pode auxiliar na diversificação do mercado. “Como Mato Grosso do Sul é um estado com potencial grande de produção florestal, nada mais interessante do que você colocar aqui as chamadas termoelétricas”, ressalta. A empresa almeja produzir florestas especialmente para o uso energético, para produção de biomassa de madeira.

## **ISI BIOMASSA DEVE COMEÇAR A OPERAR EM 2016 EM TRÊS LAGOAS-MS**

Está sendo implantando na cidade de Três Lagoas-MS o Instituto Senai de Inovação em Biomassa (ISI). Como explica Carolina Andrade, diretora do Instituto, a escolha da região geográfica caracteriza-se pela grande potencialidade de oferta de matéria-prima: “Essa constatação confirma a potencial demanda já existente. Outro fator relevante é que as indústrias de transformação instaladas notoriamente operam com um nível elevado de tecnologia embarcada, facilitando a absorção de novas metodologias e tecnologias inovadoras que venham agregar valor aos seus processos”

Segundo Carolina, o propósito do ISI Biomassa é realizar pesquisas aplicadas para o desenvolvimento de novos produtos, serviços e processos inovadores em transformação de biomassa, para agregar maior valor às commodities, matérias-primas e biomassa residual, atraindo novas divisas, tornando as indústrias brasileiras mais competitivas, pela introdução de novas tecnologias, de acordo com a estratégia política do Governo Brasileiro descrita no ‘Plano Brasil Maior’.

“O ISI Biomassa atuará no campo de pesquisa de transformação de biomassa, pois há uma demanda de

pesquisas aplicadas pela indústria, em função do Brasil ser um dos maiores produtores de biomassa do mundo, com evidente potencial de agregação de valor oriundo de Pesquisa Desenvolvimento e Inovação. De acordo com o levantamento realizado, os segmentos de mercado mais promissores como demandantes de projetos ao ISI Biomassa são os segmentos sucroenergético, de biocombustíveis, setor químico e segmento de polpa de papel e celulose. O mercado potencial destes setores totaliza cerca de R\$ 2311 milhões para inovação”, revela.

Sobre os fatores que revelam o potencial de estado para a produção de energia de biomassa florestal, a diretora diz que a participação da biomassa florestal na geração de energia elétrica ainda é considerada tímida. Segundo ela, projetos existentes são de cogeração para consumo próprio de empresas que demandam também energia térmica. Dentre as biomassas utilizadas o bagaço de cana é o principal e responde pela maioria da energia gerada. Porém, o uso desta fonte está restrita às regiões de cultivo de cana-de-açúcar. A utilização da madeira para geração de energia apresenta vantagens e desvantagens, quando relacionado ao uso de combustíveis derivados de petróleo.

“Algumas das vantagens: baixo custo de aquisição, não emite dióxido de enxofre, menor risco ambiental, recurso renovável, etc. Como desvantagem, a biomassa possui menor poder calorífico e maior possibilidade de geração de material particulado nas emissões atmosféricas. Contribuem para viabilidade de uso da madeira na energia elétrica no Brasil: a disponibilidade de terras com vocação florestal, a alta produtividade das florestas, capacidade técnica e gerencial do setor florestal. Soma-se a isto o fato do potencial hidráulico para geração de energia elétrica no Mato Grosso do Sul ser apenas de 2,48% do total do Brasil, segundo os dados do Balanço Energético Nacional (BEN)”, pontua a diretora Carolina.

A cadeia de base florestal de Mato Grosso do Sul deverá ser beneficiada por meio de projetos de novas tecnologias necessárias ao setor, seja na área de energia, biotecnologia, termoquímica ou sustentabilidade. Com um núcleo instalado em Campo Grande-MS, o ISI Biomassa já está em funcionamento. O prédio de Três Lagoas-MS está previsto para ser entregue no primeiro semestre de 2016.

# CARVÃO: CENÁRIO ATUAL E PERSPECTIVAS FUTURAS

O setor de carvão vegetal vive um período de retomada no estado. No passado, em seu auge, chegou a produzir 350 mil metros cúbicos de carvão vegetal por mês, contudo, atualmente tem uma produção estimada entre 30 e 40 mil metros cúbicos. Empregou mais de 10 mil pessoas em toda a cadeia e hoje tem pouco mais de 2 mil. O Sindicato das Indústrias e dos Produtores de Carvão Vegetal de Mato Grosso do Sul (Sindicarv) chegou a ter 226 filiados e atualmente conta com aproximadamente 30.

Marcos Brito, presidente do Sindicarv, explica que nos últimos anos o segmento sofreu uma grande retração devido a diversos fatores, entre eles, a aprovação da Lei nº 3.480, em 2007, que instituiu a cobrança da Taxa de Transporte e Movimentação de Produtos e Subprodutos Florestais (TMF). “E isso trouxe uma desigualdade, perdemos a competitividade com outros estados produtores de carvão, ou seja, ficamos praticamente dependendo da indústria local. Criou-se uma reserva de mercado, porque para as indústrias de outros estados buscarem o carvão aqui essa taxa onerou quase 30% o custo do carvão com relação às indústrias de fora do estado”, enfatiza.

Outro fator que acabou afetando a indústria de carvão vegetal foi a crise econômica internacional de 2008, conforme descreve Marcos: “O nosso setor é matéria-prima imediata do ferro-gusa, que é matéria-prima imediata ao aço. Portanto é uma cadeia que está ligada a madeira / carvão / ferro-gusa / aço. A crise ocorreu na construção civil. Uma das maiores consumidoras de aço do mundo, o que abalou a siderurgia e a indústria de carvão consequentemente. De lá pra cá houve alguns picos de melhora, mas hoje vivemos um momento muito crítico, no qual o consumo de aço no Brasil está praticamente parado, a exportação também está ruim, enfim, hoje o setor está encolhido em quase 80%”.

Anos depois foi sancionada a Lei nº 4.163, em 2012, que também acabou influenciando no desenvolvimento da produção de carvão vegetal, pois segundo o presidente do Sindicarv, a Lei acabou restringindo a saída desse produto de Mato Grosso do Sul. “Perdemos a competitividade e

a produção do carvão, a indústria trabalhou ociosa por falta de carvão. Tivemos um desemprego de mais de 4 mil trabalhadores no estado e o sucateamento dos equipamentos utilizados na produção desse produto. Além do endividamento da classe”, completa.

Diante dessas adversidades, o setor buscou acordos, alcançou a flexibilização da TMF, preço do carvão foi indexado ao ferro-gusa, entretanto essas iniciativas não foram capazes de reerguer este segmento, que nos últimos anos acabou vivendo entre momentos de recuperação e queda. Porém, em julho de 2015, o governador de Mato Grosso do Sul, Reinaldo Azambuja, assinou um decreto que isentou a TMF, medida esta que deu novo estímulo e confiança aos envolvidos no setor.

Para o presidente do sindicato, essa ação do Governo do Estado vai dar um novo ânimo para o setor do carvão, que neste novo cenário, já vislumbra a possibilidade de vendas para outros estados e tipos de negócios, tais como indústria química, metalurgia, fundição de cobre, indústria bélica, entre outras: “Enfim, abre-se um leque de oportunidades para os produtores”.

## A EXPERIÊNCIA DE QUEM PRODUZ

Uma das empresas que produz carvão vegetal no estado é o Grupo Mutum. Ela foi idealizada pelo empreendedor Geraldo Mateus Campos Reis no início da década de 90 e está localizada em Ribas do Rio Pardo-MS. Quando foi instalada a carvoaria tinha capacidade para produzir 2 mil metros cúbicos de carvão vegetal por mês. Já em 1997 a produção chegou a 37 mil metros cúbicos. Atualmente a produção é de 5 mil metros cúbicos.

“Devido o desaquecimento da economia nacional, que passa por um desequilíbrio, 70% dos altos fornos brasileiros estão fechados e os 30% que sobraram estão inadimplentes no mercado, com dificuldades financeiras, perdendo mercado para a China, de ferro e aço”, diz Geraldo. A crise do setor de carvão vegetal gerou um grande impacto financeiro na empresa, levou



Miriam Prochnow

## PARA QUE A PRODUÇÃO DE CARVÃO VEGETAL SEJA FEITA DE FORMA SUSTENTÁVEL É NECESSÁRIO FAZER O CONTROLE E MONITORAMENTO DA CADEIA PRODUTIVA

a diminuição da produção e conseqüentemente uma diminuição no número de colaboradores. Para o produtor, o principal problema enfrentado pela empresa desde a sua instalação no estado foi a falta de consumo local.

### PROGRAMA BUSCA PROMOVER O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DA CADEIA DO CARVÃO VEGETAL

Parte da produção de carvão vegetal ainda é originária de florestas nativas que, apesar de lícito, é uma prática insustentável do ponto de vista ambiental. Com o objetivo de engajar empresas consumidoras de carvão vegetal na promoção de mudanças sociais e ambientais, especialmente aquelas ligadas à produção de ferro gusa, o Grupo de Trabalho do Carvão Sustentável (GT Carvão Sustentável), criou em 2013 o Promove, Programa Modular de Verificação da Cadeia Produtiva do Carvão Vegetal para a Siderurgia.

O Promove é uma ferramenta gradativa, implementada em módulos. Ao ingressar no programa a empresa inicia um processo gradual de ajustes em seu sistema de produção e, aos poucos, vai melhorando seu desempenho socioambiental. “Aderindo a esse Programa, a empresa estabelece um prazo de 5 anos para iniciar o processo de implementação de plantios próprios, até lá ela poderá usar florestas nativas de forma legal até chegar a um

ponto em que terá autossuficiência em sua produção florestal. Tanto a questão ambiental quanto a social estarão regularizadas”, complementa Julia Boock, analista de conservação do Programa Cerrado Pantanal do WWF-Brasil.

O Programa funciona por meio do cumprimento dos Princípios e Critérios (P&C) do Carvão Sustentável, que garantem a origem do carvão vegetal com respeito às questões sociais e ambientais na base florestal e industrial, ao longo de toda a cadeia produtiva. São seis princípios: cumprimento legal, condições de trabalho decente, relação responsável com as comunidades, responsabilidade ambiental, boas práticas de produção florestal e boas práticas na produção de carvão (carvoejamento). Sendo que cada princípio, possui critérios e indicadores que especificam as boas práticas ambientais e sociais esperadas das empresas que aderem ao Promove.

Podem participar: proprietários de florestas naturais ou plantações florestais que produzem madeira com a finalidade de abastecer a cadeia do carvão vegetal, unidades de produção de carvão vegetal e produtores de ferro-gusa. O GT Carvão Sustentável conta com a participação do Instituto Ethos, Fundación AVINA, Imaflora, Instituto Carvão Cidadão-ICC, Organização Internacional do Trabalho-OIT, Santander, Sidepar, Siderúrgica Vale do Pindaré, Simasul, Vetorial e WWF-Brasil.

## CAPÍTULO 5

### COMPLEXO DA BORRACHA POTENCIALIZA SEGMENTO

Seringueiras diversificam a cadeia de florestas plantadas no estado

Matéria-prima para mais de 40 mil produtos, como luvas cirúrgicas, bicos de mamadeira, pneus, solados de sapatos, preservativos e etc, a borracha natural está presente em diversas áreas do dia a dia das pessoas. Diante do potencial produtivo da heveicultura, da crescente demanda mundial por borracha natural e das características favoráveis que Mato Grosso do Sul apresenta para esta cultura, o estado tem despertado o olhar de produtores e investidores, o que tem aumentado o cultivo de seringueiras na região, que hoje possui cerca de 11 milhões de pés plantados.

“O estado tem grandes áreas propícias para a formação de seringais, com clima favorável, logística de distribuição para o mercado consumidor e apoio governamental para a cultura. Com o volume de investimentos realizados pela Cautex e por terceiros (produtores rurais, investidores), estima-se que o estado se torne o maior produtor brasileiro de borracha natural em 2030”, diz, otimista, Getúlio Ferreira, diretor da Cautex Florestal, empresa especializada em implantação e gestão de seringais, que começou a investir em Mato Grosso do Sul em 2007.



Naiara Poltronieri/Cautex

Com relação a problemas enfrentados pelo setor no estado, o diretor explica que existe dificuldade em contratação de mão de obra, porém, como a cultura pode oferecer boa remuneração ao trabalhador, ele acredita que em pouco tempo esse obstáculo será ultrapassado.

Na região a empresa tem cerca de 6 milhões de seringueiras plantadas, distribuídas nos seguintes municípios: Aparecida do Taboado, Bataguassu, Campo Grande, Cassilândia, Inocência, Nova Alvorada do Sul, Paranaíba, Santa Rita do Pardo e Terenos. Neste ano de 2015, os primeiros seringais que foram plantados estão em fase de abertura, vão começar a produzir, o que irá gerar empregos e distribuir renda. “O mercado da borracha se encontra em fase de recuperação e o preço tende a se manter estável, com perspectiva de elevação. Além da Cautex, muitos produtores do estado estão plantando seringueira por conta própria, motivados por informações e também para fornecer para o complexo”, pontua Getúlio.

## COMPLEXO DA BORRACHA

O Complexo da Borracha já existe, foi lançado em 2012 pela Cautex. Ele é composto por mais de 90 investidores que plantaram seringueiras em cinco estados. Por Cassilândia-MS concentrar grande parte das seringueiras plantadas pela empresa, a cidade foi escolhida para receber o parque industrial.

De acordo com Getúlio, o Complexo é a verticalização da cultura da seringueira, que vai beneficiar toda a cadeia produtiva, do início ao fim, desde a produção de mudas, plantio, gestão dos seringais, beneficiamento e industrialização da borracha. Atualmente o Complexo está na fase de plantio e formação dos seringais. A área industrial está aguardando liberação do terreno para dar início nas obras da usina de beneficiamento.

“A empresa tem como meta alcançar um número de 20 milhões de seringueiras plantadas em cinco estados, numa área de 40 mil hectares, que vão produzir 80 mil toneladas de borracha seca anualmente. Primeiramente, essa borracha será beneficiada na usina e transformada em produto final no parque

Naiara Poltronieri/Cautex



GETÚLIO FERREIRA, DIRETOR DA CAUTEX FLORESTAL.

industrial localizado em Cassilândia-MS. Em todas as fases, desde a formação de mudas até a transformação da borracha a expectativa é de gerar cinco mil empregos diretos e indiretos”, afirma.

## INVESTIMENTO ACESSÍVEL PARA PEQUENOS, MÉDIOS E GRANDES PRODUTORES

O Brasil importa 70% da borracha natural que consome, o que segundo o diretor, dá segurança ao produtor que opta pela heveicultura. “A seringueira é uma cultura versátil, pode ser plantada desde o produtor rural familiar até o grande investidor. A borracha tem grande valor agregado o que permite que seja transportada por longas distâncias, permitindo o plantio em todo o país. Em pequenas propriedades, na fase produtiva, a sangria pode ser realizada pelo próprio produtor, gerando economia com a mão de obra e conseqüente aumento dos lucros. O investimento inicial na cultura é alto, mas existem programas de financiamento disponíveis com bons prazos de carência para pagamento. A cultura também é uma excelente opção para assentamentos rurais”, finaliza.

## CAPÍTULO 6

# A SILVICULTURA NA ECONOMIA SUL-MATO-GROSSENSE E AS PROJEÇÕES DE CRESCIMENTO

Tradicionalmente a economia sul-mato-grossense tem sido impulsionada pela agropecuária. Mas, aos poucos, novos segmentos têm crescido no estado e diversificado a matriz econômica, como é o caso da silvicultura.

### AMPLIAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DE PAPEL E CELULOSE

Por concentrar a maior produção de celulose em um só município, Três Lagoas-MS tem oficialmente o cognome de 'Capital Mundial de Celulose', conforme a Lei nº 4.336, de 11 de abril de 2013, publicada no Diário Oficial do Estado de Mato Grosso do Sul, de 12 de abril de 2013. Duas fábricas de papel e celulose estão instaladas na região, a Fibria e a Eldorado Brasil.

### FIBRIA

Segundo informações da assessoria da Fibria, a unidade sul-mato-grossense tem capacidade para produzir 1,3 milhão de toneladas de celulose por ano. No ano de 2014 foram produzidas 1,276 milhão de toneladas de celulose, somando 7 milhões de toneladas produzidas em Três Lagoas-MS em seis anos. Atualmente 3 mil profissionais estão empregados, entre próprios e terceiros, com maior adesão na área florestal.

A ampliação da Fibria, que foi anunciada oficialmente no início de 2015, foi batizada de Projeto Horizonte 2. A segunda linha de produção de celulose terá capacidade para a produção de 1,75 milhão de toneladas por ano.



Assessoria de Imprensa/Fibria

Juntas, as duas linhas poderão produzir 3,05 milhões de toneladas por ano. A previsão é que sejam investidos R\$ 8,7 bilhões na construção. Ao longo da obra serão criados 40 mil empregos diretos e indiretos.

## ELDORADO BRASIL

De acordo com dados da assessoria da Eldorado Brasil, a atual unidade instalada em Três Lagoas-MS foi projetada para produzir 1,5 milhão de toneladas por ano, no entanto, após melhorias técnicas e mecânicas, essa linha tem capacidade para até 1,7 milhão de toneladas por ano. São empregados atualmente 4,5 mil colaboradores diretos.

A empresa anunciou no início de 2015 a construção de sua segunda linha de produção, nomeada de Projeto Vanguarda 2.0. Inicialmente ela terá capacidade para produção de 2 milhões de toneladas por ano de celulose branqueada de eucalipto, podendo chegar a 2,3 milhões

de toneladas por ano. As duas linhas de produção juntas serão capazes de produzir cerca de 4 milhões de toneladas por ano. A projeção é que R\$ 8 bilhões sejam investidos na obra. Conforme o Estudo de Impacto Ambiental (EIA), 6 mil pessoas devem ser empregadas no pico da obra.

## EXPORTAÇÕES

Conforme o 'Relatório Ibá 2015', produzido pela Indústria Brasileira de Árvores (Ibá), o PIB do setor brasileiro de árvores plantadas cresceu 1,7% em 2014, sendo que a expansão do volume de exportações de celulose, 12,6%, foi importante para esse resultado. Quando comparada ao desempenho da agropecuária, 0,4%; indústria, -1,2% e; serviços, 0,7%, a ampliação do PIB do setor brasileiro de árvores plantadas no ano de 2014 mostra seu grande potencial.

O atual cenário da economia brasileira, com encolhimento do mercado interno e desvalorização do real, combinado



Acervo do setor de Comunicação/Eldorado Brasil

UNIDADE INDUSTRIAL DA ELDORADO BRASIL EM TRÊS LAGOAS-MS.



Assessoria de Imprensa/Fibría

#### UNIDADE INDUSTRIAL DA FIBRIA EM TRÊS LAGOAS - MS.

à melhora das economias mais fortes, deve contribuir para resultados importantes nas exportações da indústria de papel e celulose. Prova disso são os reflexos na valorização das ações das grandes empresas como a Fibría, com uma alta acumulada de 23% na Bovespa.

Ainda, segundo o relatório já citado, o Brasil é o quarto maior produtor de celulose e o primeiro em celulose de eucalipto, com 16,4 milhões de toneladas, das quais 64% são destinadas a exportação para países da Europa, China e Estados Unidos. Em 2015, já se registra um crescimento de 19,9% nas exportações em relação ao ano anterior, confirmando algumas tendências positivas para o setor.

#### EXPANSÃO DAS FLORESTAS PLANTADAS

Existem aproximadamente 870 mil hectares de eucaliptos e 3.100 hectares de pinus no estado, de acordo com Osvaldo Antônio Riedlinger dos Santos, gerente de recursos florestais do Instituto de Meio Ambiente de Mato Grosso do Sul (Imasul). De acordo com ele, as maiores áreas de plantio estão localizadas em Três Lagoas-MS, Ribas do Rio Pardo-MS e Água Clara-MS, que possuem um maciço de cerca de 500 mil hectares: "Isso, devido às duas indústrias de papel e celulose estarem instaladas em Três Lagoas-MS e a logística de base florestal para a indústria deve ser em um raio de 150 quilômetros".

O cenário é promissor, nos próximos anos essas áreas devem ser ainda maiores. Conforme o gerente de recursos florestais, com as duplicações das unidades industriais de Três Lagoas-MS a expectativa de crescimento das florestas plantadas gira em torno de 20% em três anos. O presidente da Associação Sul-Mato-Grossense de Produtores e Consumidores de Florestas Plantadas (Reflore/MS), Moacir Reis, complementa dizendo que com relação aos outros estados, Mato Grosso do Sul tem tido um crescimento superior a média nacional. A destinação destas florestas tem sido principalmente para papel e celulose, siderurgia, MDA, serraria, tratamento de madeira, construção civil e rural.

"Levando em conta os aspectos de Mato Grosso do Sul em relação a sua geografia, infraestrutura, crédito e financiamento para empreendimentos florestais e floresto-industriais, o setor florestal vem crescendo no estado, sendo considerado atualmente um dos estados mais promissores para ampliar a produção florestal do país, por possuir clima bastante apropriado para o cultivo de espécies tropicais de alta produtividade. Devido a estes motivos elencados acima, o Imasul vem desenvolvendo políticas e programas governamentais, assim como atualizando as legislações voltadas ao setor para que possam atender e agilizar o desenvolvimento desta atividade tão promissora em nosso estado", destaca Osvaldo.

#### EMPREGO E RENDA NA CADEIA FLORESTAL

O crescimento da cadeia de base florestal impactou diretamente as cidades e populações que estão localizadas próximas às plantações, indústrias e empresas ligadas ao setor. A geração de emprego e o aumento da renda transformaram a vida de milhares de pessoas. Os postos de trabalhos gerados são originários das indústrias de papel e celulose, de serrarias, das plantações florestais, entre outros. Além de oportunidades que surgiram em empresas que foram criadas para atender as novas demandas que apareceram, como restaurantes, oficinas, clínicas, farmácias, dentre outros. "A estimativa é que para cada 10 hectares, uma pessoa é empregada, sendo, aproximadamente 80 mil empregos diretos e indiretos", acrescenta Osvaldo.

Fábio A. Duarte



MOACIR REIS, PRESIDENTE DA REFLORE/MS.

## SUSTENTABILIDADE EM LONGO PRAZO

O termo sustentabilidade remete à responsabilidade que permeia a cadeia produtiva para com o manejo ecologicamente correto, para com a comunidade impactada pela cadeia, para com o pequeno produtor, a pequena indústria, de forma a promover menor impacto ambiental e social, conservação, geração de emprego e renda para comunidades locais e pequenos produtores, envolvendo-os na conservação e uso sustentável.

Para Julio César Sampaio da Silva, coordenador do programa Cerrado Pantanal do WWF-Brasil, a atuação da ONG no Mato Grosso do Sul tem por objetivo o apoio ao desenvolvimento sustentável na região. “Se considerarmos a expansão das áreas florestais, avaliando todo o contexto da paisagem, é possível prever o estabelecimento de áreas de corredores de biodiversidade, ações estratégicas em áreas prioritárias para conservação, tal como a possível criação de novas unidades de conservação, além de apoiar a manutenção, o impacto dos serviços que as florestas também podem oferecer para desenvolver a região”, pontua.

Do ponto de vista econômico, sem dúvida, o estabelecimento de uma produção em larga escala traz benefícios econômicos de arrecadação, de geração



WWF-Brasil

JULIO CÉSAR SAMPAIO DA SILVA, COORDENADOR DO PROGRAMA CERRADO PANTANAL DO WWF-BRASIL.

de empregos, no aumento da renda das famílias. Mas também é visto como uma preocupação porque as localidades passam a receber um grande volume de pessoas. “As estruturas públicas sem capacidade para comportar essa chegada de novos habitantes passa a ser um problema associado ao aquecimento da economia, gerando um grande desafio para os governantes locais. E isso também faz parte do que chamamos planejamento na escala da paisagem”, aponta Julio César.

As questões da monocultura de eucalipto, do encolhimento de outras fronteiras e o contexto das tradições que são a base da economia de outras cadeias produtivas, são alguns dos outros desafios também apontados por Julio César, do WWF-Brasil. “Investir apenas na produção florestal porque atualmente ela é promissora sem pensar na diversificação da produção do estado, sem pensar na tradição e no perfil dos produtores da região, além do equilíbrio entre grandes e pequenos, é um grande desafio, é importante considerar nesse caso o perfil específico na região. Mato Grosso do Sul é reconhecido como um polo de turismo, de produção pecuária e agrícola, então acho que o Governo precisa incentivar de forma ponderada as novas cadeias, sem deixar de lado o que é tradição, sem deixar de lado as grandes riquezas tanto culturais quanto naturais”, enfatiza.

## CAPÍTULO 7

# ZEE/MS BUSCA NORTEAR AÇÕES QUE PROMOVAM DESENVOLVIMENTO ORDENADO E SUSTENTÁVEL

Crescer de maneira planejada, respeitando as características ambientais e socioeconômicas de Mato Grosso do Sul, é essencial para o desenvolvimento sustentável e econômico das diversas cadeias produtivas do estado, como a de base florestal. Segundo o Decreto nº 4.297/2002, que regulamenta o Art.9º, inciso II, da Lei 6.938/1981, o Zoneamento Ecológico-Econômico (ZEE) é um instrumento da Política Nacional do Meio Ambiente que atua na organização territorial.

Conforme a diretora de desenvolvimento do Instituto de Meio Ambiente de Mato Grosso do Sul (Imasul), Thais Barbosa de Azambuja Caramori, o ZEE/MS é considerado pelo Governo Estadual como ferramenta essencial para organizar a ocupação e o uso do território sul-mato-grossense, com a necessária conservação ambiental, devendo necessariamente ser integrado com os programas e planos estratégicos de desenvolvimento social e econômico do Estado.

De forma direta e indireta, esta ferramenta beneficia toda comunidade sul-mato-grossense. A diretora explica que o ZEE/MS tem por objetivo estabelecer normas técnicas e legais para o adequado uso e ocupação do território, compatibilizando, de maneira sustentável, as atividades econômicas, a conservação ambiental e a justa distribuição dos benefícios sociais. “Além do aspecto normativo, o ZEE/MS mostra-se também como orientador de políticas e de usuários dos recursos naturais, com o intuito de racionalizar a ocupação do espaço e de redirecionar o desenvolvimento socioeconômico”, completa.

Para o diretor executivo da Associação Sul-Mato-Grossense de Produtores e Consumidores de Florestas Plantadas (Reflore/MS), Benedito Mário Lázaro, além de orientar o desenvolvimento com a preservação, o ZEE/MS também dá mais segurança ao investidor: “Quando o investidor decide vir para Mato Grosso do Sul, quanto mais instrumentos ele tiver para conhecer o estado, melhor, menos risco ele terá e mais confiante ficará”.

A ferramenta é condizente com o planejamento de longo prazo, pois baliza a interação de todas as instâncias governamentais na gestão pública e oferece aos empreendedores e empresários condições de também realizarem planejamentos de longo prazo, levando a uma maior eficiência e um risco menor, porque a primeira colheita de culturas de origem florestal leva alguns anos.

## ZONAS RECOMENDADAS PARA SILVICULTURA

Por meio do ZEE/MS, Mato Grosso do Sul foi dividido em 10 Zonas Ecológico-Econômicas, levando em consideração a potencialidade socioeconômica e a vulnerabilidade natural. De acordo com a diretora Thais, para cada zona foram descritos três tipos de diretrizes de uso de solo: Recomendadas, Recomendadas Sob Manejo Especial e Não Recomendadas, com possibilidade de orientar certificações, incentivos e licenciamentos ambientais.

“Através do estudo, conclui-se que a Zona das Monções, Zona Sucuriú-Aporé, Zona do Alto Taquari, Zona Depressão do Miranda e Zona do Iguatemi a silvicultura se enquadra como uma diretriz de uso ‘Recomendada’. Já na Zona Depressão do Miranda, a silvicultura direcionada à produção de móveis, construção civil e energia é ‘Recomendada Sob Manejo Especial’, assim como a silvicultura com espécies não nativas na Zona de Proteção da Planície Pantaneira. Já a silvicultura com espécies exóticas é ‘Não recomendada’. Não é proibido, mas não recomendada nesta Zona”, diz.

A diretora ressalta ainda que o ZEE/MS está sendo usado para nortear as políticas de desenvolvimento sustentável do Estado: “As ações mostram que o Governo tem buscado a formulação de políticas de desenvolvimento sustentável, orientando o desenvolvimento econômico com o uso racional dos recursos naturais. E isso, com certeza, chega também ao setor florestal”.

UM DOS PRESSUPOSTOS  
DO DESENVOLVIMENTO  
SUSTENTÁVEL É O RESPEITO  
AO MEIO AMBIENTE.



## CAPÍTULO 8

# LOGÍSTICA E INFRAESTRUTURA: OS GRANDES GARGALOS DO SETOR

O estado sul-mato-grossense tem diversas características que o colocam em uma posição promissora no desenvolvimento da cadeia de base florestal, entre elas, condições climáticas favoráveis (com regularidade pluviométrica), boa produtividade, topografia (com índice de aproveitamento e utilização do solo de mais de 70%), incentivos fiscais, legislação moderna e outros fatores. Entretanto, em termos de logística e infraestrutura, ainda há muito que se fazer para destravar a produção e escoamento na região.

Conforme o diretor executivo da Associação Sul-Mato-Grossense de Produtores e Consumidores de Florestas Plantadas (Reflore/MS), Benedito Mário Lázaro, 75% do percurso do transporte da madeira, das propriedades rurais até as fábricas, é feito pelas estradas vicinais. “Essas estradas precisam de manutenção, por elas

trafegam veículos carregados com madeira o ano todo”, ressalta. Em más condições de uso, essas estradas oneram o produto final, como por exemplo, com o custo da manutenção de caminhões, que acabam tendo problemas regularmente.

Hoje, grande parte dos investimentos em estradas vicinais é feito pelas empresas e esses investimentos também acabam beneficiando as comunidades localizadas em torno destas vias, que as utilizam, por exemplo, para o transporte de gado, para ida a escola, dentre outros. Porém, mesmo com esses investimentos privados, estas estradas precisam ser reparadas periodicamente para suportar toda a demanda de tráfego.

As principais rodovias que são utilizadas para escoamento precisam ser revitalizadas. A BR 262,



Wigold Schaffner



### OS MUNICÍPIOS PRECISAM INVESTIR EM INFRAESTRUTURA, INCLUSIVE DE LAZER.

que liga Campo Grande-MS a Três Lagoas-MS, por exemplo, é de extrema importância para a expansão do setor de base florestal em Mato Grosso do Sul. Para o diretor executivo da Reflore/MS, é preciso duplicar esta rodovia para dar mais segurança para quem a utiliza. Ele reforça ainda que as duplicações das fábricas de papel e celulose, da Fibria e da Eldorado Brasil, em Três Lagoas-MS, aumentarão ainda mais o tráfego de veículos nesta rodovia, por isso é fundamental que investimentos sejam feitos o mais rápido possível nesta via tão essencial para o desenvolvimento do setor.

Para se tornar eficiente e competitiva, a ferrovia do estado precisa passar por melhorias, receber investimentos. Segundo Benedito, hoje o tempo que os trens levam para realizar os percursos é muito longo, para se ter uma ideia os trens trafegam a uma velocidade de aproximadamente 19 quilômetros por hora. Os comboios ferroviários levam vários dias para se locomoverem de Três Lagoas-MS ao porto de Santos. Utilizar a malha ferroviária com mais eficiência ajudaria, por exemplo, a escoar a produção de celulose com maior rapidez, a desafogar outros tipos de vias, entre outros. “Esse é um gargalo forte que precisamos melhorar”, acrescenta.

A rede hidroviária também é vista como uma grande alternativa para a diversificação do escoamento da produção do setor florestal. De acordo com Benedito, o transporte em hidrovia é feito principalmente pelo rio

Paraná, contudo, atualmente esta prática não está sendo realizada devido ao baixo volume de água que este rio tem apresentado.

Os problemas relacionados a logística e a infraestrutura desaceleram o crescimento da silvicultura, estes são, sem dúvida, os maiores obstáculos que precisam ser ultrapassados pelo setor. “Precisamos melhorar as estradas vicinais, as ferrovias, rodovias e hidrovias, para possibilitar a competitividade com outros centros produtores”, enfatiza.

Outro fator que merece muita atenção é a infraestrutura das cidades. O diretor diz que os municípios impactados precisam estar preparados para receber as pessoas procedentes do desenvolvimento da cadeia de base florestal, precisam oferecer saúde, educação, segurança, lazer, entre outros serviços, de qualidade. E a população tem que estar atenta as oportunidades que estão surgindo com a expansão do setor no estado, as possibilidades de emprego, de desenvolvimento profissional e pessoal e, de empreender, criar um novo negócio.

Confira no texto “Apoio e incentivos do Governo buscam fortalecer silvicultura” as metas do governador de Mato Grosso do Sul, Reinaldo Azambuja, para a logística e infraestrutura. E, conheça as iniciativas de empreendedores no texto “Retratos urbanos: histórias de empreendedores que cresceram com o setor”.

## CAPÍTULO 9

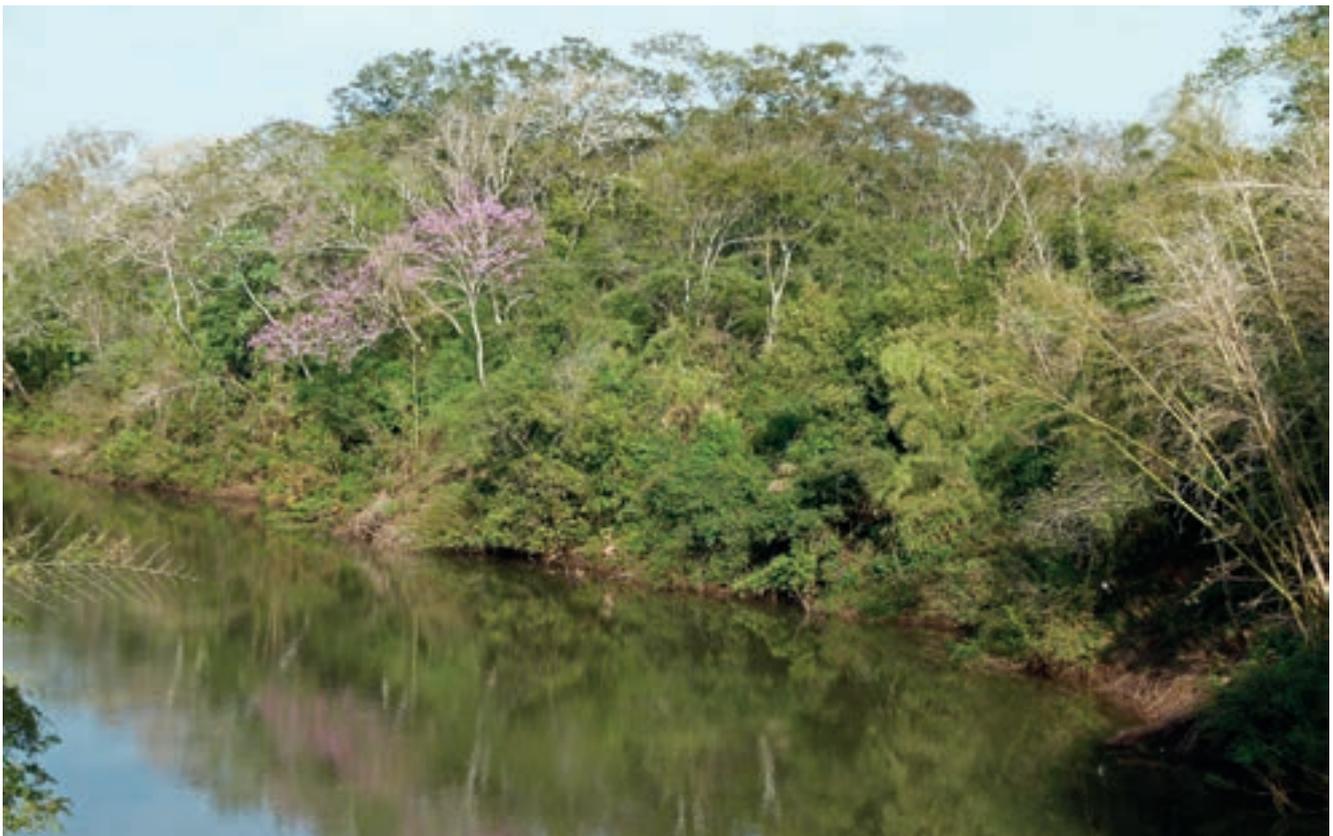
# EXPANSÃO FLORESTAL EM ÁREAS DEGRADADAS

São nove milhões de áreas degradadas em Mato Grosso do Sul. Diante da expansão da silvicultura na região, das novas demandas por madeira, as florestas plantadas podem ter um papel importante na busca pela recuperação dessas áreas.

Conforme explica a secretária executiva do Diálogo Florestal, Miriam Prochnow, as florestas plantadas em si não têm a função de recuperação de área degradada, porque essa recuperação, especialmente de nascente, de beira de rio, tem que ser feita com floresta nativa, com espécies nativas: “Mas, a forma como hoje você implanta a silvicultura, ela vem junto com a recuperação de áreas degradadas. Então quem quer implantar a

atividade numa região, precisa prestar atenção no território e verificar se tem nascente pra ser recuperada, se tem mata ciliar que precisa ser recuperada, se tem alguma outra área de preservação permanente que precisa ser recuperada e quando você implanta áreas de florestas exóticas, de florestas com fins econômicos, junto você faz a restauração das áreas nativas. Então, acredito que aí é que entra a integração também da conservação, da preservação do meio ambiente com o plantio de florestas com fins econômicos”.

Na visão do WWF-Brasil, como pontua Julia Boock, analista de conservação do Programa Cerrado Pantanal da ONG, a expansão florestal deve acontecer em áreas já abertas,



Miriam Prochnow

não há necessidade de novos espaços. “Incentivamos a utilização dessas áreas degradadas porque quando se introduz a silvicultura ela demanda o manejo do solo, água e as vezes do próprio micro relevo, e isso geralmente agregará mais qualidade a essas áreas com relação a como elas eram antes. Em geral, a ideia é utilizar essas áreas, que já estão degradadas, para otimizar para outros tipos de cultura, para torná-las mais produtivas”, diz.

Diante disso, uma das alternativas é a implantação de sistemas de Integração Lavoura-Pecuária-Floresta (ILPF), que englobam a interação dos componentes agrícola, pecuário e florestal em um mesmo espaço. De acordo com o pesquisador nas áreas de fisiologia da produção e sistemas silvipastoris da Embrapa Gado de Corte, Valdemir Antônio Laura, a presença do componente florestal no sistema ILPF traz diversos benefícios, pois contribui para melhorar o bem-estar animal, o microclima (temperatura e umidade relativa), a regularização do ciclo hidrológico, o sequestro de carbono, entre outros.

“A melhoria da qualidade do solo, como benefício ambiental, também está diretamente ligada ao desempenho produtivo do sistema, as árvores dispostas em nível minimizam as perdas de solo por erosão hídrica e eólica. A deposição de serapilheira contribui para aumentar o teor de carbono no solo, incrementando a disponibilidade de água e de nutrientes com concomitante aumento na diversidade de micro e mesorganismos do solo, além de melhorias nos atributos físicos do solo”, descreve Valdemir.

Julia complementa dizendo que com a expectativa do aumento da população, que deve chegar aos 9 bilhões de pessoas em todo mundo, a demanda por alimentos crescerá: “E com esse aumento nós não queremos que haja mais degradação ambiental, por isso também, essas áreas degradadas são essenciais para aumentarmos a produtividade. Precisamos ainda, melhorar o manejo, para que haja uma maior produção por hectare, para as diferentes culturas”.

## EXEMPLO DE BOAS PRÁTICAS NA BACIA DO GUARIROBA

Segundo Flávia, do WWF-Brasil, um exemplo de boas práticas relacionada a recuperação de áreas degradadas

é o Programa Água Brasil, que dentre suas ações, realizou um amplo trabalho na bacia do Guariroba. O projeto surgiu da parceria entre quatro instituições nacionais: Banco do Brasil, Fundação Banco do Brasil, Agência Nacional de Águas (ANA) e WWF-Brasil, que se uniram por um objetivo comum: a preservação da água. Através de boas práticas de recuperação e conservação ambiental, ações de inclusão e promoção social e, gestão integrada de resíduos sólidos, são desenvolvidos projetos modelo que poderão ser replicados em todo o Brasil no futuro.

A bacia do Guariroba é extremamente importante para Mato Grosso do Sul. Ela está localizada em Campo Grande-MS e possui uma área total de 36.194 hectares. É integrante da bacia do Paraná, possui 62 propriedades rurais e é responsável pelo abastecimento de água de 390 mil pessoas. O legado da atuação do Programa nessa região é pela garantia de segurança hídrica para a cidade de Campo Grande por meio do reconhecimento dos produtores rurais como prestadores de serviços ambientais.

A situação anterior a aplicação do Programa, era uma região com produção pecuária convencional, com mínimo manejo de gado, que andava livremente pelas áreas sem práticas de conservação do solo e água, inclusive em áreas protegidas, acessando o córrego para dessedentação, o que gera impactos na qualidade e na quantidade de água, até mesmo com assoreamentos.

A situação atual e, a esperada para até o final de 2015, é uma região com 23 produtores adotando práticas de conservação de solo e água e boas práticas agropecuárias; sub-bacias Guariroba e Saltinho com corpo hídricos isolados através de cercamento (42,4% da bacia) e, melhoria dos índices de qualidade e quantidade da água por meio de ações de conservação de solo, restauração ecológica e implantação de boas práticas agropecuárias.

Os principais resultados alcançados pelo Programa Água Brasil na bacia do Guariroba foram: a restauração florestal e ecológica de 98 hectares, a conservação de fragmentos florestais em 1.079 hectares, a conservação de solo em 1.692 hectares e, a recuperação de pastagens de 455 hectares.

## CAPÍTULO 10

# A UNIÃO DE LAVOURA, PECUÁRIA E FLORESTA

Conforme o Marco Referencial da Embrapa, de 2009, o sistema de Integração Lavoura-Pecuária-Floresta (ILPF) ou, agrossilvipastoril, é uma estratégia de produção sustentável, que integra atividades agrícolas, pecuárias e florestais, realizadas na mesma área, em cultivo consorciado, em sucessão ou rotacionado, buscando efeitos sinérgicos entre os componentes do agroecossistema, contemplando a adequação ambiental, a valorização do homem e a viabilidade econômica.

Com tradição na produção de bovinos de corte (que poderiam se beneficiar desse sistema), com milhões de hectares de pastagens degradadas (com baixa produtividade) que poderiam ser convertidas em sistemas de ILPF e com a motivação para o cultivo de florestas, Mato Grosso do Sul apresenta características favoráveis para a aplicação de sistemas agrossilvipastoris.

### MODALIDADES DE SISTEMAS DE INTEGRAÇÃO

O pesquisador nas áreas fisiologia da produção e sistemas silvipastoris da Embrapa Gado de Corte, Valdemir Antônio Laura, explica que, segundo o Marco Referencial, existem quatro modalidades de sistemas de integração: agropastoril, silvipastoril, silviagrícola e agrossilvipastoril.

“O sistema Agropastoril integra lavoura e pecuária, em rotação, consórcio ou sucessão, na mesma área, em um mesmo ano agrícola ou por múltiplos anos. O Silvipastoril integra pecuária e floresta em consórcio. O Silviagrícola integra floresta e lavoura, pela consorciação de espécies arbóreas com cultivos agrícolas (anuais ou perenes). E o Agrossilvipastoril integra lavoura, pecuária e floresta, em rotação, consórcio ou sucessão, na mesma área. O componente lavoura restringe-se (ou não) à fase inicial de implantação do componente florestal. Esse tem sido o sistema mais empregado”, revela.

Realizando pesquisas sobre o tema e acompanhando produtores locais, Valdemir diz que o perfil dos que investem nesse sistema no estado é diversificado.

Normalmente, os pecuaristas buscam mais por sistemas silvipastoris ou agrossilvipastoris. Já os agricultores, especialmente os produtores de soja, optam por sistemas agropastoris. Sistemas silviagrícolas são pouco comuns na região.

### INTEGRAÇÃO DE CULTURAS EM PROL DO MEIO AMBIENTE

A adoção de ILPF traz diversos benefícios para o meio ambiente. Segundo o pesquisador, a aplicação desse sistema auxilia na redução da pressão de desmatamentos em remanescentes florestais. É muito mais viável economicamente, explorar florestas plantadas do que nativas. Adicionalmente, o cultivo será mais próximo de rodovias e centros consumidores de madeira, o que reduzirá custos de transporte e consumo



Assessoria/Embrapa

**VALDEMIR ANTÔNIO LAURA, PESQUISADOR NAS ÁREAS FISIOLÓGICAS DA PRODUÇÃO E SISTEMAS SILVIPASTORIS DA EMBRAPA GADO DE CORTE.**

Alexandre Scaff Raffi



#### A ADOÇÃO DE ILPF TRAZ DIVERSOS BENEFÍCIOS PARA O MEIO AMBIENTE.

de combustível. Por estes motivos, a implementação de ILPF conservará as florestas nativas.

“Por outro lado, a presença do componente florestal no sistema de ILPF também contribui para melhorar o microclima (temperatura e umidade relativa), o bem-estar animal, a conservação do solo e da água, a regularização do ciclo hidrológico, a biodiversidade e, principalmente, o sequestro de carbono, além da beleza cênica da paisagem rural. Estes serviços ambientais são considerados como benefícios indiretos, entretanto, influenciam na melhoria da eficiência de uso da terra e nos benefícios diretos (produtos gerados)”, completa Valdemir.

Com relação ao sequestro de carbono e potencial de mitigação de gases de efeito estufa (GEE), ele esclarece que “em sistemas de ILPF com árvores de rápido crescimento e considerando um período de cultivo de 11 anos, aproximadamente cinco toneladas de carbono equivalente por hectare por ano são fixadas somente

no tronco das árvores, sendo que isso equivale à neutralização da emissão de gases de efeito estufa de 13 bois adultos por ano. Considerando que a taxa de lotação média das pastagens brasileiras é de 1,2 animal por hectare, fica evidente a relevância desses sistemas na melhoria das condições ambientais da pecuária, que foi criticada ultimamente como emissora de GEE”.

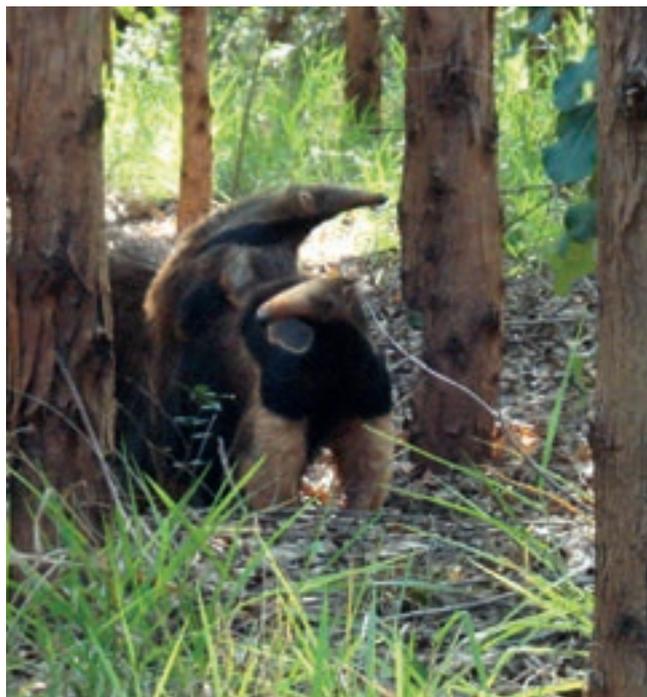
#### GANHOS E EXPERIÊNCIAS DO PRODUTOR

Com produtos agrícolas, florestais e pecuários, a diversificação de renda é o principal benefício do sistema agrossilvipastoril para o produtor. De acordo com Valdemir, o planejamento e escalonamento desses produtos permitem aumentar a entrada de receitas e devido à maior eficiência de uso dos recursos naturais, de insumos, de maquinário e de mão de obra, apresentam melhores taxas internas de retorno do investimento, superando a renda

líquida obtida nos sistemas componentes quando considerados isoladamente.

“As culturas anuais são utilizadas em sistemas de ILPF para amortizar os custos de implantação e melhorar as condições de fertilidade do solo com as adubações. Podem ser cultivadas por mais de uma safra, permitindo o crescimento das árvores até a entrada dos animais em pastejo, eliminando-se os custos para proteção das mesmas. Além disso, com a adoção do plantio direto em sistemas de ILPF, os custos de implantação podem ser reduzidos entre 10 e 25%”, destaca.

Com investimento em silvipastoril desde 2006 na região de Ribas do Rio Pardo-MS, o produtor Geraldo Mateus Campos Reis, do Grupo Mutum, revela que sua propriedade conta com 1.500 hectares dispostos neste sistema e que a principal vantagem é o consórcio da pecuária juntamente com a floresta. Na mesma unidade de manejo ele produz a carne e a madeira, algo que ambientalmente é altamente sustentável. Para Mateus, o principal obstáculo encontrado foi a falta de referências



Casa da Floresta

**PARA PROTEGER A FAUNA NATIVA É IMPORTANTE FAZER O MONITORAMENTO DOS PLANTIOS.**

Arquivo pessoal





**COM PRODUTOS AGRÍCOLAS, FLORESTAIS E PECUÁRIOS, A DIVERSIFICAÇÃO DE RENDA É O PRINCIPAL BENEFÍCIO DO SISTEMA AGROSSILVIPASTORIL PARA O PRODUTOR.**

de áreas de silvipastoril: “Fomos os pioneiros na região acertando e errando em vários aspectos”.

Já o engenheiro agrônomo e produtor rural, Alexandre Scaff Raffi, que administra a fazenda da família desde 1990, conta que no início, em 2010, investiu no sistema agrossilvipastoril em propriedade na região de Anastácio-MS. Contudo, em 2015, resolveu aderir ao sistema silvipastoril, hoje são 250 hectares destinados a esta modalidade. A motivação para o investimento nessas culturas veio da possibilidade de reformar pastos com a lavoura e de incluir o eucalipto no sistema de produção.

“O eucalipto trouxe ganhos econômicos consideráveis e, plantados em integração com o pasto, trouxe ambientes mais sombreados, que na nossa região de altas temperaturas é muito interessante. O maciço foi cortado para celulose”, afirma o engenheiro agrônomo e produtor rural.

Com relação aos problemas enfrentados, Alexandre diz que teve dificuldades com infraestrutura para plantio da soja (no período em que investiu no agrossilvipastoril), condições climáticas não recomendáveis para a cultura, região sem estabelecimentos próprios e mão de obra

não qualificada. Para ele, no caso do eucalipto “as coisas fluíram melhor”.

## PLANEJAMENTO E CUIDADOS NECESSÁRIOS

O sistema ILPF é complexo e tem necessidades operacionais específicas, por isso, ao pensar em aplicar alguma modalidade do sistema ILPF e obter bons ganhos, o produtor precisa buscar conhecimento prévio das condições do sistema de produção e do mercado local com relação a disponibilidade de insumos, maquinário, mão de obra, além de serviços e condições de comercialização dos produtos, especialmente os ligados ao setor florestal.

Para conhecer as vantagens e limitações do sistema, o pesquisador Valdemir sugere que o interessado visite alguma propriedade que adotou a cultura. Ele orienta ainda que o produtor procure assistência técnica para realizar o planejamento detalhado das atividades: “Pois para que os benefícios potenciais dos sistemas de ILPF sejam alcançados, é necessário que sejam atendidas as exigências técnicas para escolha, implantação e condução de cada um dos componentes do sistema”.

# RETRATOS URBANOS: HISTÓRIAS DE EMPREENDEDORES QUE CRESCERAM COM O SETOR

De uma economia de origem pecuária para uma economia de base florestal. De 'Cidade das Águas' para também 'Capital Mundial de Celulose'. A chegada das indústrias de papel e celulose, Fibria e Eldorado Brasil, somada ao aumento de plantio de florestas renováveis, transformou totalmente Três Lagoas-MS, em seus aspectos econômicos e sociais. Outros municípios de Mato Grosso do Sul também foram impactados por este segmento, porém, nenhum tanto quanto este.

O desenvolvimento resultante da industrialização promoveu o crescimento populacional. Segundo o Censo 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Três Lagoas-MS tinha 101.791 habitantes em 2010. Já os dados de julho de 2014 do Instituto, revelam que a cidade concentra atualmente 111.652 habitantes, número que representa a terceira maior população do estado; com Dourados-MS (210.218 habitantes) em segundo lugar e a capital Campo Grande-MS (843.120) em primeiro lugar.

Consequentemente, o aumento da população foi impulsionado pelo crescimento das oportunidades, além dos empregos diretos gerados pelas indústrias, há também os indiretos que surgiram, por exemplo, de empresas que foram criadas para atender setores da cadeia produtiva florestal, entre outras. A renda aumentou e muitas famílias ganharam condições de vida melhores. No novo cenário econômico da cidade, empreendedores com visão, dedicação e muito trabalho, souberam aproveitar as oportunidades e tem conquistado seus espaços.

### DAS BACIAS DE PNEU E DE SACOLA PLÁSTICA PARA AS MÁQUINAS DE LAVAR: O RETRATO DA LAVADEIRA ANDRÉA

Aos 62 anos de idade, a lavadeira Andréa Antonia da Silva Chimenes, traz na memória as histórias de

um tempo em que suas mãos e sua força eram seus principais aliados no trabalho: "Comecei lavando roupa no batedor e eu não tinha nem bacia, tinha pneu, mandei serrar um lado do pneu, que era arame, o pneu foi virado ao contrário, o fundo foi feito de madeira e eu o utilizava como bacia. Quando eu tinha roupa mais especializada de molho, eu amarrava uma sacolinha em um pé de café, que tinha no fundo do meu quintal, pra usar como bacia pra ajudar".

As lembranças de dona Andréa fazem parte de seus primeiros anos de trabalho como lavadeira, na cidade de Três Lagoas-MS. Donas de casa eram suas principais clientes, lavava e passava roupas de 15 famílias, 'tudo no braço'. Como meio de transporte usava uma bicicleta, que guarda até hoje com o maior esmero, buscava as roupas de casa em casa e carregava-as na garupa e no guidão até sua residência, na qual realizava o trabalho. "Quando muito atingia uma renda de dois salários mínimo, quando chegava a isso, porque era pouquinho, era uma miséria o que a gente ganhava", diz.

Ela conta que sua vida 'passou a ter sentido', por volta de 2007, quando a International Paper (atual Fibria) e a Pöyry chegaram na cidade. Na época participou de licitação e ganhou: "Mas eles me deram pouca roupa pra lavar, eles não acreditavam que eu conseguiria lavar muita roupa e eu dizia pra eles que se me dessem mais roupa eu teria como comprar máquina, ninguém confiava em mim, em me vender uma máquina. Depois eles aumentaram o peso de roupa e recebi mais peças para lavar e passar".

Nesse período, uma empresa de Campo Grande-MS confiou no trabalho e na palavra de Andréa e encaminhou para ela máquinas de lavar. Apesar de pensar que não conseguiria pagar pelos equipamentos, a lavadeira aceitou. "Nisso eu já tinha fechado o contrato com a International Paper. Aí comprei três máquinas, aí minha vida já deu uma boa melhorada, já senti assim que Deus tinha me abençoado bastante", completa.

Com muito trabalho, em pouco tempo a empreendedora conseguiu pagar as máquinas. Atenta as novas oportunidades que foram surgindo devido ao crescimento do setor florestal, a lavadeira foi estruturando a sua empresa, a 'Andréa Lavanderia'. "Depois de um tempo, chegou a Eldorado Brasil, aí a Eldorado já confiou em mim porque eu já tinha um tanto de máquinas. Eles me deram três alojamentos, aí sim eu passei a viver com dignidade", ressalta. Para atender este novo cliente, dona Andréa comprou ainda mais máquinas para complementar a estrutura.

Atendendo as demandas das indústrias, de outros tipos de empresas e pessoas físicas, a lavanderia cresceu, se consolidou e transformou a vida da empreendedora e de sua família. Hoje, além de dona Andréa, trabalham na empresa sua filha, genro e neto e, outros (as) profissionais. Orgulhosa, entre as conquistas, ela diz que comprou um pequeno caminhão baú, que realiza entregas, o genro comprou

carro e a irmã do esposo (que eles ajudaram a criar) comprou casa própria.

A vontade de trabalhar e a busca pela concretização dos sonhos da empreendedora de 62 anos não param por aí, ela já começou a realizar mais um objetivo: a construção de uma nova sede para a lavanderia. Com a edificação das segundas linhas de produção da Fibria e da Eldorado Brasil e, de novas empresas que possam vir a se instalar na cidade, dona Andréa espera receber mais serviço e assim conseguir 'fechar o barracão'.

"Não sei nem o que falo que melhorou mais, a minha vida é outra, não tem nem comparação. Não tínhamos asfalto na rua e agora temos. Na época em que fui moça nova, não tinha nem ambulância em Três Lagoas-MS, quando fui ganhar neném meu marido teve que me levar na garupa da bicicleta, hoje a cidade conta com várias ambulâncias. A chegada das fábricas não melhorou só pra mim, melhorou pra todos", finaliza.

Arquivo Painel Florestal



## DO CAMPO PARA A CIDADE: O RETRATO DE UM PRODUTOR RURAL QUE SE TORNOU UM EMPREENDEDOR VISIONÁRIO

A chegada da primeira indústria de papel e celulose em Três Lagoas-MS chamou a atenção do empreendedor Luiz da Costa Rondon Neto. Apesar de ser sul-mato-grossense, de origem pantaneira, na época, em meados de 2007, Luiz morava no interior do estado de São Paulo-SP, onde criava gado em fazenda.

“Acompanhando pela mídia o crescimento do estado, o desenvolvimento da cidade com a instalação da fábrica da Fibria, vim para Três Lagoas-MS no segundo semestre de 2007 e fiquei quase um mês, analisando o que se poderia fazer e quais eram as necessidades do município. Identifiquei a possibilidade de abrir uma empresa de refeições, pra atender tanto as empresas envolvidas na fábrica, da construção da unidade industrial, que eram 10 mil homens, quanto a área florestal, que eu sabia que era bastante gente também”, pontua Luiz.

Assim, em janeiro de 2008, o empreendedor visionário abriu a Nossa Senhora Aparecida – Refeições Coletivas (NSA), empresa especializada em fornecimento de refeições, como café da manhã, almoço e jantar. Luiz alugou uma casa e a adaptou para o novo negócio. No início eram três funcionários: um cozinheiro e dois auxiliares e, a equipe permaneceu assim durante um ano. Ele conta que o começo foi difícil, no primeiro ano só atendeu uma empresa, para qual fornecia 30 refeições por dia. Mas o empresário não desanimou, confiante, continuou batalhando, visitando empresas e prospectando, até que as coisas começaram a melhorar.

“Aí fizemos o contrato com a primeira empresa da área florestal, a Fibria, eles experimentaram e gostaram. A partir daí a empresa começou a crescer. Fornecíamos no campo, eu tinha uma camionete com a qual entregava o almoço no campo e a noite servíamos as refeições nos alojamentos da cidade, eram 100 homens”, lembra. Trabalhando e sempre aprimorando os processos e serviços, a NSA foi se desenvolvendo.

Em 2012, já fornecendo mais de mil refeições por dia para seus clientes e com uma equipe maior de profissionais,

Arquivo/NSA Refeições Coletivas



### ACOMPANHANDO O DESENVOLVIMENTO DE TRÊS LAGOAS-MS, LUIZ RONDON NETO ABRIU EMPRESA DE REFEIÇÕES PARA ATENDER A CIDADE

em um espaço de mil m<sup>2</sup>, Luiz construiu uma sede própria para a empresa com cerca de 700 m<sup>2</sup>; um prédio equipado e adaptado para atender as demandas do negócio, com cozinha industrial e outros ambientes. Em períodos de alta, atendendo demandas da Fibria, da Eldorado Brasil e de outras empresas, a NSA Refeições Coletivas chegou a produzir e fornecer aproximadamente 3 mil refeições e a ter mais de 40 colaboradores. Atualmente a empresa fornece em torno de mil refeições diárias e conta com equipe de 27 funcionários, formada por nutricionistas, chefe de cozinha, motoristas, secretaria, auxiliares, entre outros; além da esposa e do filho de Luiz.

Otimista com o crescimento do setor, o empreendedor aguarda esperançoso que a duplicação das unidades industriais possa trazer mais clientes e trabalho. “Tenho 60 anos e estou aqui em Três Lagoas-MS há quase nove anos, aprendi muita coisa nova, que não era da minha área e foi muito interessante. Graças a Deus conseguimos sobreviver, hoje somos reconhecidos aqui como uma empresa que fornece qualidade, tem responsabilidade e que tem comprometimento com nossos parceiros”, conclui.

## NA ALEGRIA, NA TRISTEZA E NOS NEGÓCIOS: O RETRATO DO CASAL EMPREENDEDOR QUE TRANSFORMOU PEQUENA EMPRESA EM CENTRO AUTOMOTIVO

A história da Feiscar começou em um prédio alugado na cidade de Três Lagoas-MS em 1997. Criada pelo casal e sócios, Glaucia Puzziello Jaruche e Feis Hussen Jaruche Junior, a empresa abriu as portas oferecendo serviços de polimento e cristalização automotiva, recuperação de parabrisas e venda de acessórios para camionetes.

“Começamos com uma estrutura pequena, era eu, o Feis e um funcionário. Depois fomos inserindo mais serviços, agregando a parte mecânica e a parte elétrica. Hoje somos um centro automotivo completo e contamos com 28 funcionários”, afirma a empreendedora Glaucia.

A chegada das fábricas da Fibria e da Eldorado Brasil no município impactou o negócio de Glaucia e Feis a partir de 2010. Não só pelas demandas que surgiram das unidades industriais, mas também pelo aumento da população na cidade que conseqüentemente acabou gerando mais serviços para a Feiscar, no atendimento a veículos de pessoas físicas.

Para atender as novas necessidades do mercado a empresa foi se aprimorando, como explica Glaucia:

Claudio Pereira



GLAUCIA E FEIS, PROPRIETÁRIOS DA FEIS CAR.

## AS HISTÓRIAS DE DONA ANDRÉA CHIMENES, SEU LUIZ RONDON E DO CASAL GLAUCIA E FEIS HUSSEN, REPRESENTAM ALGUNS DOS EXEMPLOS DAS TRANSFORMAÇÕES PELAS QUAIS TRÊS LAGOAS-MS E SUA POPULAÇÃO TÊM PASSADO.

“Somos representantes de duas marcas que dão treinamentos e consultoria pra nós, a Bosch e a Denso do Brasil. E aí fomos nos adequando ao mercado, nos especializando, encaminhando funcionários para treinamentos nessas empresas que representamos, pra atender essa demanda”.

Hoje o centro automotivo tem sede própria e atende cerca de 120 veículos por mês dentro da oficina, fora os atendimentos que são realizados no campo, para atender empresas ligadas a cadeia de base florestal, por exemplo, como a Fibria, Eldorado Brasil e terceirizadas destas.

Além das conquistas pessoais da família e da realização profissional, para a empreendedora, a prestação de serviços para as empresas relacionadas ao setor florestal, promoveu no empreendimento melhorias de processos e levou a profissionalização: “Com as exigências do mercado tivemos que nos qualificar em organização e procedimento. Adequamos a questão da qualidade. Então, hoje, tem todo um procedimento, a gente tem pesquisa ao cliente, todos os nossos funcionários tem IPI, uniformes; a exigência do mercado fez a gente fazer essa qualificação pra prestar serviços para essas grandes empresas”.

As histórias de dona Andréa Chimenes, seu Luiz Rondon e do casal Glaucia e Feis Hussen, representam alguns dos exemplos das transformações pelas quais Três Lagoas-MS e sua população têm passado. Por todos os cantos da cidade e da região, há gente trabalhando, batalhando e aproveitando as oportunidades e potencialidades da cadeia de base florestal.

## CAPÍTULO 12

# LICENÇA AMBIENTAL E CAR BUSCAM DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E AMBIENTAL

Entenda os conceitos e sua importância para a silvicultura

Conforme explica o gerente de recursos florestais do Instituto de Meio Ambiente de Mato Grosso do Sul (Imasul), Osvaldo Antônio Riedlinger dos Santos, o licenciamento ambiental é o procedimento administrativo pelo qual o Imasul, ligado à Secretaria de Estado de Meio Ambiente e do Desenvolvimento Econômico (Semade), verificando a satisfação das condições legais e técnicas, licencia a localização, instalação, ampliação e a operação de atividades utilizadoras de recursos ambientais, de atividades consideradas efetiva ou potencialmente poluidoras ou

que, sob qualquer forma, possam causar degradação ambiental; conforme Resolução SEMADE nº 009/2015, no seu artigo 3º.

“O licenciamento ambiental é importantíssimo, pois busca estabelecer critérios e diretrizes para o uso dos recursos naturais, visando à preservação dos remanescentes de florestas nativas, o controle da supressão da vegetação, de queimadas e da promoção de ações de conservação genética dos recursos florestais nativos”, revela.



Wigold Schaffler

**“O LICENCIAMENTO AMBIENTAL É IMPORTANTÍSSIMO, POIS BUSCA ESTABELECE CRITÉRIOS E DIRETRIZES PARA O USO DOS RECURSOS NATURAIS, VISANDO À PRESERVAÇÃO DOS REMANESCENTES DE FLORESTAS NATIVAS, O CONTROLE DA SUPRESSÃO DA VEGETAÇÃO, DE QUEIMADAS E DA PROMOÇÃO DE AÇÕES DE CONSERVAÇÃO GENÉTICA DOS RECURSOS FLORESTAIS NATIVOS”**

Importante ressaltar que para as espécies florestais plantadas, o licenciamento está desonerado, pois está sendo realizado em áreas antropizadas, recuperando áreas degradadas e trazendo benefícios sociais, econômicos e ambientais. Deve ser comunicado ao Imasul o plantio da espécie em questão, a quantidade, sua localização e outros dados necessários para o controle do órgão. A necessidade do licenciamento existe quando a propriedade passa por uma intervenção ambiental para consumo, produção e/ou atividade econômica.

Para organizar as regras e documentos necessários para o licenciamento de empreendimentos/atividades em um único documento, o Imasul lançou em 2015 o Manual de Licenciamento Ambiental. O propósito do manual é tornar público e de forma clara, as regras para o licenciamento ambiental de atividades produtivas e de infraestrutura, visando o desenvolvimento sustentável e duradouro ao longo do tempo. Com isso, se pretende aumentar a competitividade do setor produtivo e empresarial concomitantemente ao atendimento das necessidades de preservação e conservação ambiental.

“O Licenciamento Ambiental é um instrumento fundamental na busca do desenvolvimento sustentável e configura como uma ferramenta importante da Política Nacional de Meio Ambiente (PNMA), que almeja integrar o desenvolvimento econômico com o meio ambiente, sendo assim o manual, no que diz respeito ao segmento florestal, busca regulamentar e definir padrões, critérios e procedimentos para as atividades no setor florestal”, esclarece.

Já o Cadastro Ambiental Rural de Mato Grosso do Sul (CAR-MS) é um registro eletrônico que tem como objetivo integrar as informações ambientais relacionadas à situação das áreas de Preservação Permanente (APP), das áreas de Reserva Legal, das florestas e dos remanescentes de vegetação nativa, das áreas de Uso Restrito e das áreas consolidadas das propriedades e posses rurais.

O gerente de recursos florestais diz que o CAR foi criado pela Lei 12.651/2012 e que ele se constitui em base de dados estratégica para o controle, monitoramento e combate ao desmatamento das florestas e demais formas de vegetação nativa do país: “Ao tomar conhecimento do desmatamento em desacordo com a Lei, o órgão ambiental deverá embargar a atividade e impedir a continuidade do dano ambiental, propiciar a regeneração e dar viabilidade a recuperação da área degradada”

De acordo com dados levantados no início de agosto de 2015, já foram cadastrados 6.118 imóveis no CAR em Mato Grosso do Sul. Com relação a imóveis cadastrados por classe de área, até 100 hectares, foram contabilizados 1.824 imóveis; de 100 a 500 hectares, 908 imóveis e; acima de 1000 hectares, 1671 imóveis. Com relação à área total cadastrada de hectares chegou-se ao número 6.605.783,775.

Osvaldo completa dizendo que o CAR é um processo importante para a implantação eficaz do Código Florestal, porque integra informações ambientais das propriedades e posses rurais, compondo uma base de dados para controle, monitoramento, planejamento ambiental e econômico e, combate ao desmatamento em todo território brasileiro.

## CAPÍTULO 13

# PLANOS DE CONSERVAÇÃO E CERTIFICAÇÃO FSC® PROMOVEM PRÁTICAS SOCIOAMBIENTAIS RESPONSÁVEIS NAS INDÚSTRIAS DE PAPEL E CELULOSE DE MS

Empresas que desenvolvem projetos de conservação ambiental e que são certificadas demonstram que tem compromisso com práticas socioambientais e econômicas responsáveis. A aderência das indústrias da cadeia florestal com projetos de preservação e com as certificações do setor mostra que as unidades industriais estão comprometidas com a utilização sustentável dos recursos naturais, respeitando o meio ambiente e inspirando confiança aos clientes e consumidores finais.

As indústrias de papel e celulose Fibria e Eldorado Brasil, localizadas no município de Três Lagoas-MS, têm evidenciado esse comprometimento desenvolvendo projetos e organizando suas estruturas para se

adequarem aos critérios dos selos de certificadoras, entre eles, o FSC® Forest Stewardship Council®, um dos mais importantes e respeitados do segmento florestal.

### PLANOS DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL

A Fibria e a Eldorado Brasil realizam diversas ações voltadas à conservação ambiental. Entre as atividades, cada uma, destina cerca de 30% de suas áreas para a conservação. Para a Fibria essa destinação representa aproximadamente 100 mil hectares de sua área existente em Mato Grosso do Sul. “Outra iniciativa é o Monitoramento de Biodiversidade, que já identificou mais de mil espécies de animais e plantas, indicando que nossas áreas de conservação possuem significativa biodiversidade. Temos também um programa de Restauração Ambiental que tem como objetivo a recuperação da vegetação nativa em Áreas de Preservação Permanente e Reserva Legal”, diz o coordenador de meio ambiente florestal da Fibria/MS, Renato Cipriano Rocha.

Na Eldorado Brasil, o coordenador corporativo de licenciamento ambiental, Fábio José de Paula, conta que as áreas referentes aos 30% da empresa são compostas por Áreas de Preservação Permanente, Reserva Legal, além de outras áreas de conservação. “A empresa implantou um plano de monitoramento ambiental, onde está incluso avaliações de vários aspectos ambientais, como por exemplo, fauna, flora, recursos hídricos, solos, dentre outros, com os quais é possível ajudar a identificar, por exemplo, áreas de alto valor de conservação”, completa.

### CERTIFICAÇÃO FOREST STEWARDSHIP COUNCIL (FSC®)

Reconhecido em todas as partes do mundo, o FSC®, Forest Stewardship Council® ou, Conselho de Manejo

Assessoria de Imprensa/Fibria



Florestal, trata-se de uma organização internacional independente, sem fins lucrativos, que foi criada com o objetivo de promover o manejo florestal responsável no mundo. Esta instituição não emite certificados, ela credita certificadores de diversas regiões do mundo, garantindo que os certificados destas obedeçam a padrões de qualidade. As empresas certificadoras produzem um método para certificação baseada nos princípios e critérios FSC®, readequando-o para o sistema de produção ou para a realidade de cada região.

Por meio de sua logomarca, a certificação FSC® identifica produtos madeireiros e não madeireiros oriundos do bom manejo florestal. Adequando-se aos princípios e critérios deste selo, todo empreendimento relacionado a operações de manejo florestal e ou a cadeia produtiva florestal, pode ser certificado. São três modalidades de certificação: Manejo Florestal, Cadeia de Custódia e Madeira Controlada.

Conforme relata o coordenador Renato, da Fibria/MS, a unidade industrial de Três Lagoas-MS, é certificada nas modalidades FSC® Cadeia de Custódia (2009), código de licença (FSC-C104120) e FSC® Manejo Florestal (2009), código de licença (FSC-C100704). Segundo ele, os certificados são muito importantes, pois garantem o manejo equilibrado e sustentável, respeitando a legislação, os direitos dos trabalhadores e o meio ambiente: “O certificado de Cadeia de Custódia atesta a procedência dos produtos florestais, garantindo que aquele produto é proveniente de manejos responsáveis. Atualmente, a sociedade está cada vez mais exigente quanto aos produtos consumidos, sua origem, os impactos que podem ocorrer nas diferentes fases de sua produção. E a certificação vem para atender a essa exigência do mercado consumidor por meio do selo presente nos produtos”.

A unidade industrial da Eldorado Brasil em Três Lagoas-MS conquistou a certificação FSC® nas modalidades FSC® Cadeia de Custódia (2012) e FSC® Manejo Florestal (2012). “O FSC® é o selo verde, reconhecido em todo o planeta, que permite transparência em suas atividades, além do uso de técnicas de produtividade das florestas que garantem durabilidade dos investimentos e redução dos possíveis impactos. Sendo assim nenhuma floresta

Acervo do setor de Comunicação/Eldorado Brasil



**FÁBIO JOSÉ DE PAULA, COORDENADOR COOPERATIVO DE LICENCIAMENTO AMBIENTAL DA ELDORADO BRASIL.**

nativa é derrubada para produção de celulose, o que demonstra a competitividade das operações florestais e o compromisso com práticas socioambientais responsáveis”, realça o coordenador Fábio, da Eldorado Brasil.

Para a conquista do selo, as unidades industriais implementaram um plano de trabalho com o objetivo de aprimorar as práticas de gestão, seguindo as premissas dos princípios e critérios do FSC®.

Entre os procedimentos realizados pelas empresas, a unidade sul-mato-grossense da Eldorado Brasil, possui um sistema de controle para quantificar os materiais conforme sua origem e características, para garantir o regime de crédito na Cadeia de Custódia. A unidade local da Fibria implanta programas que garantem a produção ambientalmente adequada, associadas aos planos de monitoramento ambiental que asseguram a qualidade da água, a biodiversidade, os padrões de emissões atmosféricas e de efluentes.

## CAPÍTULO 14

# DIÁLOGO FLORESTAL E SUA IMPORTÂNCIA NA IMPLANTAÇÃO DE ATIVIDADES SUSTENTÁVEIS

Promover o diálogo entre todos os envolvidos na cadeia de base florestal é essencial para a implantação sustentável da silvicultura. O Diálogo Florestal, iniciativa inédita e independente no Brasil, nasceu com o objetivo de facilitar a interação entre representantes do setor florestal, criando visão e agendas comuns entre eles.

“Em 2015 o Diálogo Florestal completa 10 anos no Brasil. Ele surgiu a partir do ‘The Forests Dialogue’, uma iniciativa internacional. Em 2003, essa organização realizou no Brasil um encontro sobre ‘Biodiversidade’ e, após esse evento, os brasileiros que estiveram presentes discutiram sobre a possibilidade de iniciar um Fórum, um debate similar no país. Assim, em 2005, realizamos a primeira reunião desse que agora é o Diálogo Florestal”, descreve Miriam Prochnow, secretária executiva da iniciativa.

Miriam conta que o Fórum Nacional reúne empresas, organizações ambientalistas e movimentos sociais de quase todo o Brasil. Nas reuniões são debatidos temas abrangentes como, por exemplo, a implantação do Código Florestal e a questão da água. Nos fóruns regionais, que congregam representantes de empresas e instituições de determinados estados, os temas são os de interesse local.

“Atualmente temos nove fóruns regionais, alguns já estão mais avançados, como o da Bahia- BA, que também completa 10 anos em 2015 e, outros são mais recentes, como o próprio fórum de Mato Grosso do Sul, que iniciou mais tarde. Cada um conta com pautas diferentes e específicas, relacionadas as realidades locais. Eles são criados a partir dos próprios representantes regionais, a partir de uma pauta, de uma agenda em comum, que eles acreditam que possam debater e buscar alternativas em conjunto”, diz Miriam Prochnow.

O Diálogo Florestal foi criado com foco na Mata Atlântica, contudo, a criação dos novos fóruns foi ampliando a atuação da instituição para outras regiões do país. Assim os trabalhos foram incorporados para as regiões dos biomas Pampa, Cerrado e Caatinga.

Acompanhando os debates de diferentes fóruns regionais, a secretária executiva diz que Mato Grosso do Sul tem características peculiares com relação a outras regiões: “O estado tem a questão do planejamento mais geral da paisagem e de verificar onde você pode implantar as áreas de silvicultura com menor impacto. Outro tema recorrente é a questão da integração com a pecuária, que é uma cultura mais forte na região. Existe potencial grande para a integração Lavoura-Pecuária-Floresta (ILPF)”.

## DIÁLOGOS EM PROL DA SILVICULTURA SUSTENTÁVEL

Os encontros realizados, tanto o nacional quanto os regionais, almejam promover discussões e ações efetivas relacionadas a produção florestal. A organização

Wigold Schaffer



MIRIAM PROCHNOW, SECRETÁRIA EXECUTIVA DO DIÁLOGO FLORESTAL



REUNIÃO CONJUNTA DO CONSELHO DE COORDENAÇÃO E DO COMITÊ EXECUTIVO DO DIÁLOGO FLORESTAL, EM CAMPO GRANDE, EM DEZEMBRO DE 2013. NA OPORTUNIDADE FOI LANÇADO O CADERNO SOBRE SILVICULTURA E COMUNIDADES.

busca fomentar debates que criem alternativas e esforços para a implantação de forma sustentável de atividades como a silvicultura. “A maior parte das empresas que participam do Diálogo já possui algum tipo de certificação, e isso é muito importante. O que o Diálogo tenta fazer é verificar onde não há certificação, onde não há atitudes e procedimentos sustentáveis e o que se pode fazer para melhorar isso. Então, por exemplo, no sul da Bahia-BA, as empresas que atuam por lá conseguiram sentar e trabalhar uma metodologia comum para o monitoramento da biodiversidade. Isto porque todas elas têm áreas nativas, áreas de remanescentes florestais nativos, que precisam de cuidados. Cada uma adotava uma metodologia diferente de monitoramento. E elas acabaram com essa questão, tendo a possibilidade de uma metodologia comum. Isso é muito importante porque você acaba tendo resultados mais concretos e uniformizados”, afirma.

Para que o desenvolvimento sustentável aconteça de fato, é necessário que as indústrias e produtores da cadeia de base florestal invistam em ações que façam a diferença. “Então, por exemplo, se você precisa fazer a discussão do planejamento do território, é importante que isso seja feito de forma coletiva, para que a atividade seja implantada nas áreas aptas pra isso. Fundamental

nesse momento são ações para implantação do Código Florestal, especialmente o Cadastro Ambiental Rural (CAR) e os planos de recuperação ambiental. São coisas que precisam ser feitas nesse momento para que você garanta de fato que se tenha uma paisagem sustentável no futuro”, ressalta.

Miriam reforça ainda que a silvicultura é uma atividade recente no estado, por isso todos os erros que o setor de base florestal cometeu em outras regiões no passado, não precisam ser repetidos nos estados nos quais a atividade está se implantando agora: “Toda a bagagem de 10 anos de discussão do Diálogo Florestal pode ser utilizado como referência para Mato Grosso do Sul começar neste segmento de forma correta”.

De acordo com a secretária executiva, a organização está buscando ampliar sua base não só dentro das ONG’s e do setor de silvicultura, mas também para outros setores: “É um espaço bastante democrático de debates de temas, fica o convite para que mais empresas e ONG’s possam fazer parte”. Aos interessados em participar do Fórum Nacional o contato é pelo email [miriam@dialogoflorestal.org.br](mailto:miriam@dialogoflorestal.org.br). Já para o Fórum MS o contato é pelo email [juliaboock@wwf.org.br](mailto:juliaboock@wwf.org.br). Mais informações em [www.dialogoflorestal.org.br](http://www.dialogoflorestal.org.br).

## CAPÍTULO 15

### O PAPEL DO FÓRUM MS

O Fórum Florestal Regional de Mato Grosso do Sul tem por objetivos promover ações efetivas associadas à produção florestal e ampliar a escala dos esforços de conservação e restauração do meio ambiente, gerando benefícios para os participantes do Diálogo e para a sociedade em geral. Ele foi criado a partir do Diálogo Florestal, iniciativa nacional inédita e independente, que almejando facilitar a interação entre representantes do setor florestal, criando visão e agendas comuns entre eles, incentivou a implantação de fóruns regionais.

Nos fóruns, representantes de diversas áreas da cadeia de base florestal reúnem-se para debater temas relacionados a silvicultura. No estado o fórum começou com o apoio do WWF-Brasil e congrega associações, sindicatos, instituições e fundações ligadas ao segmento, bem como indústrias de papel e celulose, organizações ambientais, entre outros. Julia Boock, analista de conservação do Programa Cerrado Pantanal do WWF-Brasil e uma das fomentadoras do grupo, revela que normalmente, os fóruns são criados

nos estados em decorrência de conflitos, relacionados a questões fundiárias, por exemplo, contudo, em Mato Grosso do Sul foi diferente.

“No estado o fórum foi instalado por conta da expansão da silvicultura. É um fórum diferente, pois nasce num período em que a cadeia florestal se expande no estado, nesse sentido, ele é muito importante pra o acompanhando desse desenvolvimento. A ideia é que se estamos sentados numa mesa desde o começo com carvão, papel e celulose e outros setores, desde o início, possivelmente identificaremos conflitos de forma antecipada, facilitando as discussões no futuro”, diz Julia.

#### ENCONTROS E DEBATES

O primeiro encontro oficial aconteceu em 2011, momento em que foram definidos três temas prioritários que iriam nortear as reuniões e debates do Fórum MS: social, com a busca pela gestão dos impactos sociais na silvicultura; econômico, debruçando-se sobre o APL-Arranjo Produtivo Local e PSA-Pagamentos por Serviços Ambientais e; ambiental, com relação ao planejamento da paisagem.

Por meio da bagagem de conhecimentos e experiências de cada participante do grupo, nas diversas reuniões que aconteceram, foram sendo debatidos temas relacionados às características regionais de Mato Grosso do Sul. Diante disso, os participantes traçaram um mapa que tem como foco central a busca pela conservação de áreas nativas remanescentes, isto porque os plantios de florestas acontecem nessas regiões, que são áreas de vegetação de cerrado/savana do estado. “Percebemos que os plantios acontecem nessas regiões de savana por isso precisamos conservar essas áreas nativas, elas precisam ter o mínimo de qualidade de solo e de água para o plantio continuar”, completa Julia.

As ameaças diretas que tem impactado nessas áreas foram descritas como os incêndios florestais, desmatamento ilegal, a redução de áreas naturais o

Arquivo Pessoal Julia Boock



**JULIA BOOCK, ANALISTA DE CONSERVAÇÃO DO PROGRAMA CERRADO PANTANAL DO WWF-BRASIL.**



UMA DAS REUNIÕES DO FÓRUM MS REALIZADA EM CAMPO GRANDE.

e assoreamento em áreas de proteção permanente. “Após essa análise, identificamos o que levam a essas ameaças. Os incêndios florestais, por exemplo, podem ser ocasionados no estado por incêndios criminosos pelo uso inadequado da terra, incêndios acidentais ou incêndios naturais. E diante desses fatores, traçamos estratégias que utilizaríamos para tentar combater estes problemas. No caso dos incêndios florestais nos pautamos pelo apoio ao programa de combate ao fogo. Então, para todo esse cenário identificado, buscamos planejar ações que o Diálogo Florestal possa implementar para contribuir com a conservação de remanescentes e o desenvolvimento sustentável da cadeia de base florestal”, revela.

As reuniões têm acontecido periodicamente, principalmente, em Campo Grande-MS. A expectativa é que o próximo passo seja a expansão dos trabalhos do Fórum Florestal Regional de Mato Grosso do Sul

para a região que tem sido diretamente envolvida pela silvicultura, como antecipa Julia: “Estamos conversando e nos reunindo desde 2011, acredito que realizamos um bom trabalho, fizemos o planejamento, identificamos as ameaças, criamos a nossa visão, pra onde queremos ir. Compreendemos as ações do estado, qual seu direcionamento, então agora temos que ir para a área onde o grande processo de expansão está acontecendo, que é a região do bolsão e conversar com a população local”.

O Fórum MS está sempre aberto para novos integrantes; profissionais, entidades e empresas que busquem compartilhar e trocar conhecimentos e experiências a respeito do setor de base florestal do estado. Em [www.dialogoflorestal.org.br](http://www.dialogoflorestal.org.br), na página ‘Fóruns’, estão às iniciativas e trabalhos realizados pelo Fórum MS. Para mais informações o contato pode ser feito pelo email [juliabook@wwf.org.br](mailto:juliabook@wwf.org.br).

# DIÁLOGO FLORESTAL

## CONSELHO DE COORDENAÇÃO

### Alexandre Di Ciero

(Suzano Papel e Celulose)

### Beto Mesquita

(Conservação Internacional)

### Dália Pais

(Instituto BioAtlântica)

### Edilaine Dick

(Apremavi)

### Giovana Baggio de Bruns

(The Nature Conservancy)

### Ivone Satsuki Namikawa

(Klabin)

### João Carlos Augusti

(Fibria)

### Maria Dalce Ricas

(Amda)

### Maurem Kayna Lima Alves

(CMPC Celulose Riograndese)

### Paulo Henrique de Souza Dantas

(Cenibra S.A.)

## SECRETARIA EXECUTIVA NACIONAL

**Miriam Prochnow**

## COMITÊ EXECUTIVO

### Alberico Martins Mendonça

(Fórum Florestal Fluminense)

### Elizabete Lino

(Fórum Florestal Mineiro)

### Julia Correa Boock

(Fórum Florestal do Mato Grosso do Sul)

### Juliana Griese

(Fórum Florestal de São Paulo)

### Káthia Vasconcellos Monteiro

(Fórum Florestal Gaúcho)

### Marcos Alexandre Danieli

(Fórum Florestal Paraná e Santa Catarina)

### Oscar Artaza

(Fórum Florestal do Sul e Extremo Sul da Bahia)

### Tânia Martins

(Fórum Florestal do Piauí)

### Thiago Belote

(Fórum Florestal do Espírito Santo)

O Diálogo Florestal é uma iniciativa inédita e independente que facilita a interação entre representantes de empresas do setor de base florestal e organizações ambientalistas e movimentos sociais com o objetivo de construir visão e agendas comuns entre esses setores. Visa promover ações efetivas associadas à produção florestal, ampliar a escala dos esforços de conservação e restauração do meio ambiente, gerando benefícios para os participantes do Diálogo e para a sociedade em geral. Está organizado

em um Fórum nacional e nove Fóruns Regionais. O Diálogo Florestal brasileiro existe desde 2005 e foi inspirado no The Forests Dialogue (TFD), iniciativa internacional, que existe desde 1999.

**CONTATO:**  
[www.dialogoflorestal.org.br](http://www.dialogoflorestal.org.br)



ISBN 978-85-5574-010-7



9 788555 740107 >

[WWW.DIALOGOFLORESTAL.ORG.BR](http://WWW.DIALOGOFLORESTAL.ORG.BR)

ESTA PUBLICAÇÃO FOI IMPRESSA EM PAPEL CERTIFICADO PELO FSC